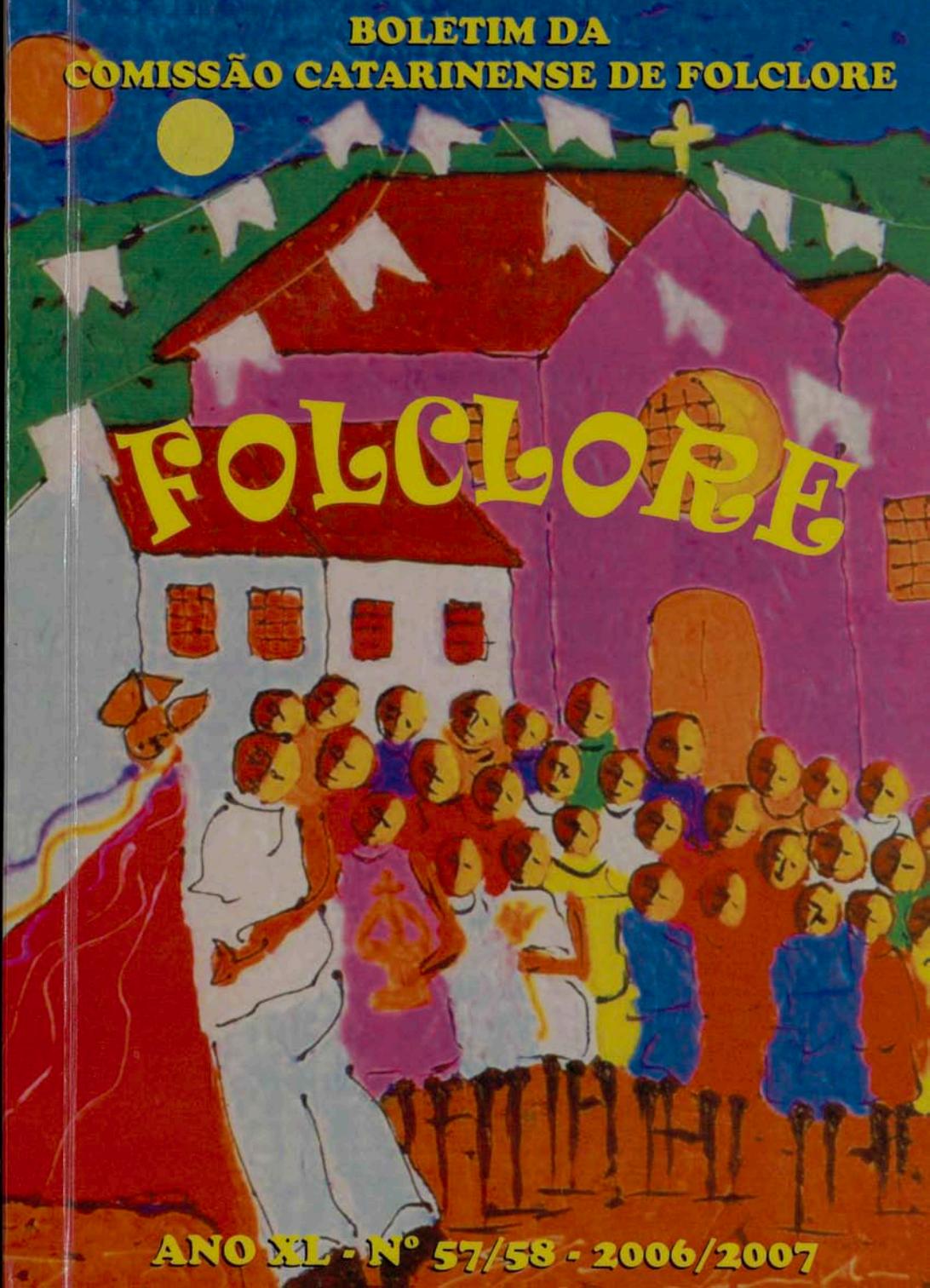


**BOLETIM DA
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE**

FOLCLORE



ANO XL - N° 57/58 - 2006/2007

EDIÇÃO Nº57/58 –

Pede-se permuta
Piedese canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim

Diretoria Executiva da Comissão Catarinense de Folclore/
Mandato de 2006 a 2009.

Edição e Direção:

Nereu do Vale Pereira –
Presidente
Maura Soares
Vice-Presidente
Francisco do Vale Pereira
Secretário
Gelcy José Coelho
Tesoureiro

Conselho fiscal

Carlos Alberto Angioletti Vieira
Oswaldo Ferreira de Melo
Acyr Osmar de Oliveira

Endereço para correspondência:
Rodovia Baldicero Filomeno, 10106.
Costeira do Ribeirão – Ribeirão da Ilha
88064-002 – Florianópolis – SC



A Bandeira do Divino

Capa — Tela a óleo do consagrado artista Plástico Elias

Andrade, do Distrito Santo Antônio de Lisboa, município de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina.

Digitação - Willian de Assis Faraco

Revisão - Professora Maura Soares

Composição - Prof. Nereu do Vale Pereira

Editoração e Impressão - Postmix Soluções Gráficas

¹ O primeiro número do BCC foi editado em 1949 e, assim sendo, este atual deveria ter o nº LVIII e não XL. O que ocorreu para tal diferença foi que aconteceu um interregno de 18 anos. É que, entre 1957 e 1975 a CCF ficou acéfala administrativamente ficando a edição do Boletim prejudicada. Em 1970, o Professor Doralécio assumiu provisoriamente o comando da CCF. Para tanto, ele reorganizou este boletim, e fez circular em 1975 o nº29, resultando assim o interregno aqui anotado.



Directoria

Coordenador

A Fundação do CDTM

Vice-Presidente

Coordenador - Associação Brasileira de História da Arte e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - ABRAHIAN
Presidente - Associação Brasileira de História da Arte e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - ABRAHIAN

Coordenador

Coordenador

Coordenador - Associação Brasileira de História da Arte e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - ABRAHIAN

Coordenador - Associação Brasileira de História da Arte e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - ABRAHIAN

Coordenador - Associação Brasileira de História da Arte e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - ABRAHIAN

Coordenador - Associação Brasileira de História da Arte e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - ABRAHIAN

Endereço para correspondência:

Rua do Galvão, 100, 05001-000, São Paulo, SP

O Conselho Nacional de História (CONH) foi criado em 1964, durante o governo de Juscelino Kubitschek, com o objetivo de promover a pesquisa e a divulgação da história e do patrimônio histórico e artístico brasileiro. O CONH é o órgão máximo de orientação e coordenação das atividades de história e do patrimônio histórico e artístico nacional. Ele é composto por representantes de diversas instituições e áreas de conhecimento. O CONH atua em diversas frentes, incluindo a organização de congressos, a realização de pesquisas, a preservação do patrimônio histórico e artístico e a promoção da história e do patrimônio histórico e artístico brasileiro.

ÍNDICE

- 1- Editorial.....p.5-7
- 2- Estatuto da Comissão Catarinense de Folclore.....p. 8-22
- 3- Lançamento do Programa Roteiros Nacional de Imigração.....p. 23-26
- 4- Homenagem de Saudades.....p. 26-27
- 5- Histórico sobre os Congressos Brasileiros de Folclore que agora chega a sua 13ª edição.....p. 27-32
- 6- Cultura popular Mortalha d'alma.....p. 33-34
- 7- A 14ª edição da Açor/Governador Celso Ramos - SC.....p.35-36
- 8- Curso de Danças Folclóricas Açorianas.....p. 37-39
- 9- Convite do Festival de Folclore (São Bento do Sul - SC).....p. 39
- 10- Casa dos Açores.....p.40
- 11- Convite para o lançamento do 17º volume da série *Cadernos de Folclore*.....p. 41
- 12- Exposição: Florianópolis e Açores o Encontro das Origens.....p. 42
- 13- Resgate dos Benzedores do Bairro Nova Descoberta/Tijucas - SC.....p. 43-50
- 14- 1ª Semana do **Resgate Quilombola**.....p. 51
- 15- Encontro Cultural com a Escola de Oleiros - Município de São José/SC.....p. 52-54
- 16- Programação Comemorativa 2007 do Dia do Tambor de Crioula em São Luís - Maranhão.....p. 55
- 17- Festa do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Necessidades em Santo Antônio de Lisboa - Florianópolis/SC.....p. 56-58
- 18- Recordando.....p. 59-73
- 19- Rabecas.....p. 74-78

- 20- III Encontro Mestres do Mundo – Limoeiro do Norte/Ceará.....p. 79-82
- 21- Relatos Populares de Canelinha: Grupo de Poetas e Escritores Sol Nascente – Grupescnte Artigos retirados do jornal Vozes de Canelinha.....p. 83-86
- 22- Cultura Popular Poema: História de um homem Rico que ficou pobre.....p. 86-98
- 23- Cultura Folclórica Aplicada.....p. 99
- 24- Pedacos da Cultura de São Luis do Maranhão em Cartaz.....p. 100

Editorial

Presidente: Professor Nereu do Vale Pereira.

O ano de 2006, e mais 2007, é o conteúdo ao que se reporta esta edição deste Boletim da Comissão Catarinense de Folclore que entra no seu quadragésimo ano de circulação. Foram, 2006 e 2007, anos realmente atípicos, e, também, um marcador de novas divisas.

Para tanto, não é de todo alegre fazer inicialmente um registro. O Professor Doralécio Soares, que há mais de 30 anos vinha conduzindo com denotado talento e tirocínio a Presidência da Comissão Catarinense de Folclore, requereu uma licença para tratamento de saúde. Exerceu essa função de Presidente acumulando a de ser o redator do BOLEIM e publicando livros sobre o nosso folclore. Ainda mantinha, com recursos próprios, ao longo deste período, financeiramente, a vida da instituição. Seu afastamento decorreu do seu estado de saúde, principalmente em função da proveta idade (92 anos), e outras tantas limitações em seu estado físico, e disponibilidade do trabalho. Com seu afastamento, aprovado pela Diretoria, a função foi transferida para o Vice-Presidente. Essas mudanças aconteceram a partir de fevereiro de 2006. Não restam dúvidas de que a missão, a qual ele pedia que assumíssemos, é deveras agradável e gratificante, mas por outro lado, nem tanto prazerosa, porquanto decorria de situação a qual não gostaríamos que ela existisse.

Na nossa vontade, Doralécio Soares deveria ser um eterno presidente da Comissão Catarinense de Folclore, como uma gratificação, uma homenagem aos tantos anos de dedicação e esforço desmedido, carregando em seus ombros toda a existência de nossa instituição por esse período e assegurando a sua sobrevivência.

Por isso, neste momento que estamos abrindo o boletim nº57/58 é meritório e é justo que rendamos todas as homenagens possíveis a Doralécio Soares.

Ele foi condecorado no 12º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Natal no Rio Grande do Norte, há três anos atrás, com a Medalha e a Cruz do mérito de grande folclorista brasileiro, essa homenagem já diz tudo o que foi a presença de Doralécio Soares no folclore brasileiro.



Fotos de Doralécio Soares com a condecoração recebida

Decorrente destes fatos, e a partir de fevereiro de 2006, procurou-se agilizar e preparar a eleição que era necessária para atualizar a diretoria, visto que, se Doralécio se afastava assumindo a presidência na condição de vice-presidente, era preciso que esta situação se tornasse oficial e com uma adequação aos termos estatutários. Em uma assembléia que foi realizada, em tais circunstâncias, assim que assumi a presidência, o senhor Doralécio

foi escolhido como presidente honorário e perpétuo da comissão catarinense de folclore.

Nesta mesma reunião de diretoria, ficou acordado que deveríamos realizar rapidamente uma assembléia para atualizar *O Estatuto* em função do novo código civil brasileiro. E, sendo assim, este estatuto poderia, em sua nova redação, incluir já a figura de Doralécio Soares como presidente honorário perpétuo.

De fato essa assembléia, e a norma deste estatuto, foram concretizadas. Inclusive o nosso boletim publica em suas folhas a redação do novo estatuto, e as formas como a ajustá-lo a nova legislação brasileira.

Neste boletim encontra-se o novo estatuto da Comissão Catarinense de Folclore, devidamente registrado na justiça, portanto, estando em pleno vigor.

Também na assembléia realizada, programaram-se as eleições que, segundo o mesmo estatuto, ocorreria sempre no último dia dos meses de junho dos anos terminados em número ímpar, isso porque, em 1947 teria sido o ano em que teria nascido à Comissão Catarinense de Folclore, que na época era chamada de Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

Pois bem, esses passos então consolidados, bem como a organização de uma nova diretoria, e o registro da imortalidade de Doralécio Soares. Ele continua ativo na nossa comissão estando presente o quando possível, e estará sempre se for de sua vontade, e também, contribuindo para que cada vez mais os trabalhos de pesquisa e divulgação do folclore catarinense caminhem positivamente.

Ao professor Doralécio Soares a nosso muito obrigado.

Neste Boletim, estaremos fazendo um pequeno retrospecto do que foi a criação da Comissão Catarinense de Folclore lá nos anos de 47 e 48, e em 1949, quando saiu publicado o primeiro boletim com artigos sobre o folclore catarinense.

É uma síntese histórica que estaremos apresentando nas próximas páginas. Este editorial, portanto, serve de um marco novo na história dos estudos folclóricos em Santa Catarina.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

LIVRO DE ATAS Nº2

TERMO DE REABERTURA.

Servirá o presente livro para a escrituração, ou colagem digitalizada por meio de computadores ou similares, das ATAS e ATOS de reuniões ordinárias, extraordinárias, sessões especiais e/ou Assembléias Gerais, realizadas pela Comissão Catarinense de Folclore, a partir desta data.

Todas as páginas deste LIVRO estão em ordem numéricas e estão também rubricadas pelo senhor presidente nesta data de sua abertura em outubro de 1974 e após lavraturas de duas Atas de reuniões desta comissão reaberto aos 30 dias do mês de setembro de do ano de dois mil.

Ass. Doralécio Soares

Dando reinício aos registros das atividades da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, será aqui inserido, nesta reabertura, um relato sucinto do que tem sido a vida desta organização societária desde o ano de sua fundação em 07 de outubro de 1948, até a presente data de reabertura deste seu livro neste ano de 2000, de ATAS e ATOS, vez que os livros anteriores desaparecem, talvez tivessem sido queimados quando do incêndio de sua sede e/ou do desmoronamento da casa Santa Catarina onde esta Comissão teve sua última sede cedida pelo Governo do Estado, fato que ocorreu em 1970. A sede da CCF passou então a ocupar uma edificação de madeira na Alameda Adolfo Konder, cabeceira insular da Ponte Hercílio, propriedade do Governo do Estado e, que, em 1978 teve parte incendiada, no que a CCF perdeu documentos e muito material do acervo do Museu do Folclore. Depois dessa catástrofe a sede da CCF passou a funcionar na residência do Professor Doralécio Soares, Rua Júlio Moura 28, onde permanece até agora, utilizado um bom espaço cedido pelo presidente e sua família.

Tal circunstância determinou certo interregno de registros de atas e atos o que esta, portanto, sendo restabelecido agora.

Por isso, antes de lançarmos as novas ATAS, e sob a responsabilidade do Vice-presidente Professor Nereu do Vale Pereira, além do histórico inicial, transcreve-se as atas de algumas sessões importantes anteriores e que se encontraram escritas em datilografia e mantidas nos arquivos desta Comissão, especialmente porque anotam o registro legal como sociedade

civil, sem fins lucrativos, com Estatuto juridicamente produzido e eleição de algumas diretorias.

Em setembro de 1949, foi lançado o primeiro exemplar, o N1. ANO I, do BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, obs.: Naquela época as comissões regionais eram tidas como sub-comissões da Comissão Nacional de Folclore e não possuíam presidentes, porém, Secretário geral da Sub – Comissão de Folclore, cargo então exercido pelo professo (já falecido) Oswaldo Rodrigues Cabral - publicação que se propunha ser trimestral e que em três anos se transformou em anual seguindo até o último número do ano de 2005, e com o propósito de assim continuar.

Extraímos do primeiro número do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, nas páginas 03,04 e 05, um texto de apresentação, que deve ser considerado como o mais antigo histórico do nascimento da CCF, e, que diz:” *Uma das decorrências proveitosas da realização do Primeiro Congresso Catarinense de História, reunido nesta Capital em outubro do ano passado, foi à instalação da sub-Comissão Catarinense de Folclore.* (Comentário: Aqui se percebe que as hoje comissões regionais de âmbito estadual, foram denominadas inicialmente de subcomissões integradas à Comissão Brasileira de Folclore. Somente nos anos de 1961 é que passaram a ser denominadas de Comissões Estaduais, e a Brasileira passou a denominar-se de Nacional, cada qual tendo registros legais e vidas próprias embora atuando sempre de forma integrada.).

De meses anteriores datavam as solicitações do ilustre Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, Dr. Renato de Almeida, feita ao senhor Desembargador Henrique da Silva Fontes e Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, afim de que Santa Catarina tivesse também um órgão centralizador dos trabalhadores sobre o folclore no Estado.

Entretanto, quer um quer outro se empenharam nos trabalhos preparatórios das comemorações açorianas e não puderam tomar o peito à instalação da Sub-Comissão no momento. Mas, tendo-a como uma das finalidades do congresso, pela primeira vez no programa de uma reunião dessa natureza foi incluída uma sessão sobre folclore.

Ao congresso, como se sabe, concorreram inúmeros estudiosos de todas as incumbências de instalar definitivamente a Comissão Estadual.

Foram eles os Srs. Dante Laytano e Walter Spaldinig, da Sub-Comissão do Rio Grande do Sul e Oscar Martins Gomes, Fernando Correia de Azevedo e Oswaldo Pinto do Paraná.

Encontraram, estes ilustres confrades, ambiente propício. Não só a simpatia com que olhava o apelo do Secretario Nacional, como o clima de elevada brasilidade que se verificou naquele conclave de alta significação Cultural, e, principalmente a existência em nossos meio de estudiosos do folclore que, em homenagem aos congressistas realizaram pela emissora de rádio local, sob o patrocínio da "Loja Renner," uma noite de contos populares catarinense.

A realização de uma festa genuinamente folclórica, incluída no programa oficial do Congresso, com danças típicas populares e tradicionais – que levam ao estádio da Força Militar incalculável multidão-como Boi de mamão, a Jardineira, o Cupido, etc., foi outro fato que influenciou para que a missão daqueles ilustres confrades fosse cercada de êxito.

E a comissão foi instalada a 7 de outubro de 1948, sob aplausos gerais, numas das sessões plenárias do Congresso de Historia, ficando na sua Secretaria geral o Sr.Oswaldo Rodrigues Cabral (naquele momento histórico a sub-comissão não teria presidente põem secretario geral como executivo maior. Sendo assim, o ilustre Professor Cabral o primeiro Presidente de hoje Comissão Catarinense de Folclore) na sub-secretaria o Sr.Almiro Caldeira de Andrade.

Desde então vem ela promovendo periódicas reuniões entre os estudiosos da matéria, todas bem concorridas, estimulando as pesquisas e estabelecendo correspondente em todos os Estados, a fim de unir todos os cultores do folclore em torno da sub-comissão.

É de se registrar, com maior agrado, a cooperação de duas entidades Culturais que tem apoiado integralmente e com o Maximo interesse, a sub-comissão.

A primeira delas, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pelo seu ilustre e culto Presidente, Senhor Desembargador Henrique da Silva Fontes. O material de gravação, nos Estados Unidos, para registro dos nossos fenômenos folclóricos.

A outra, o Departamento Estadual de Estatística, pelo seu jovem Diretor, Dr.Roberto Lacerda. E é este Departamento quem hospeda a Sub-comissão, cujas sessões se realizam na sala de sua biblioteca, Bulhões de Carvalho; é quem imprime este Boletim; é quem facilita os nossos inquéritos e quem, na mais estreita cooperação, há de proporcionar aos estudiosos a divulgação dos nossos trabalhos.

Assim, sob bom signo nasceu a Sub-Comissão Catarinense de Folclore. E esperam todos os que se dedicam a estes estudos que dos esforços conjugados dessas entidades, da máxima compreensão entre os seus dirigentes responsáveis possa elevar-se cada vez mais a

cultura catarinense perante a cultura nacional-finalidade única daqueles que dedicam a melhor parte das suas energias a esses empreendimentos.

Seguem, agora nossas considerações.

Dentro das matérias publicadas neste primeiro Boletim encontramos a relação dos membros fundadores da Comissão Catarinense de Folclore, cujos nomes e personalidades veneramos, (alguns deles, assinalados, já falecidos, e que são: Oswaldo Rodrigues Cabral (Secretario Geral) - falecido; Almiro Caldeira de Andrade (Sub-Secretario); Altino Flores - falecido; Álvaro Tolentino de Souza - falecido; Antonio Nunes Varela - falecido; Antonio Taulois de Mesquita - falecido; Aroldo Caldeira - falecido; Aroldo Carneiro de Carvalho - falecido; Carlos da Casta Pereira - falecido; Carlos Bucheler Junior - falecido; Custódio Campos - falecido; Elpidio Barbosa - falecido; Henrique da Silva Fontes - falecido; Henrique Stodieck - falecido; Hermes Guedes da Fonseca - falecido; Ildefonso Juvenal - falecido; João dos Santos Areão - falecido; João Crisóstomo de Paiva- falecido; João Arão Sena- falecido; Martinho de Haro - falecido; Oswaldo Ferreira de Mello Junior (seu nome correto é Oswaldo Ferreira de Mello); Othon D'Eça- falecido; Plínio Franzoni Junior;- falecido; Pedro José Bosco- falecido; Roberto Lacerda; Victor Peluso Junior- falecido; Wilmar Orlando Dias- falecido e Walter Fernando Piazza.

Então esta composição da Sub-Comissão Catarinense de Folclore se manteve até por volta de 1965 quando então o professor Oswaldo Rodrigues Cabral desinteressou-se pelo seu destino. A partir daquele momento, a já então denominada de COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, ficou inativa. É de se registrar alguns nomes de estudiosos, já falecidos e que contribuíram por muito tempo para o bom desempenho dos trabalhos da Comissão Catarinense de Folclore que são: Theobaldo Costa Jamundá, Maestro Roberto Kell, Mátria do Carmo Pinto, Cléia Mendes de Brito e Jaldir Bhering Faustino da Silva.

No ano de 1969, o professor Doralécio Soares, um grande estudioso do Folclore catarinense e nordestino, filiado que era à Comissão Catarinense de Folclore, assume sua Presidência e passa a dinamizá-la buscando novos associados para preencher seus quadros.

Até aquela data haviam sido publicados 28 números do Boletim da Comissão catarinense de Folclore, tendo então o Presidente Doralécio Soares partido para reeditá-lo o que passou a fazer com muita eficiência e com tiragem anual, aliás como já era desde 1955.

O atual, quadro de associados (e sua diretoria), neste ano de 2000, e membros da Comissão catarinense de Folclore, é composto pelos fundadores: Almiro Caldeira de Andrade; Osvaldo Ferreira de Mello; Roberto Lacerda; Walter Fernando Piazza e os efetivos, Doralécio Soares, Presidente; Nereu do Vale Pereira, vice-presidente; Maura Soares, Secretária; Gelsi José Coelho, Tesoureiro, compoendo a Diretoria e o Conselho Fiscal os sócios: Carlos Alberto Angioletti Vieira, Maria Teresinha Sobieraski Barreto e Sônia Maria Copp da Costa. Aparece ainda o registro como sócios efetivos em 2002, Lélia Pereira da Silva Nunes e Osvaldo Ferraro de Carvalho.

Ainda, retornado ao ano de 1970, considerando o dia 02 de fevereiro de 1970 o de sua fundação como sociedade civil própria, a então Sub-Comissão passou a denominar-se, legalmente, por COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE. Seus ESTATUTOS foram aprovados e registrados no cartório competente após sua publicação no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina.

Porém foi tão somente no ano de 1988 com a personalidade jurídica, como associação civil sem fins econômicos ou lucrativos, e que a Comissão Catarinense de Folclore foi registrada, adquirindo esta personalidade, junto a Receita federal recebendo o CGC, hoje CNPJ, Número 80 675 481/0001-74.

Para se proceder a esse registro, os Estatutos passaram por uma nova reforma que foi publicada no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina em 09/06/1988.

Esta síntese - relato foi elaborada aos 30/09/2000.

Ass. Professor Nereu do Vale Pereira - Vice-Presidente

ESTATUTO DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Preâmbulo - A Comissão Catarinense de Folclore, integrada ao Instituto brasileiro de Educação, Ciência e Cultura- IBEECC, órgão da UNESCO, e filiada à Comissão Nacional de Folclore, com sede na Avenida Marechal Floriano, 196- Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro/RJ, por seus membros associados reunidos em sessão de Assembléia Geral Extraordinária e especialmente convocada aos 02 de novembro do ano de 2006 no Auditório do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha situado na Rodovia Baldicero Filomeno nº 10106, resolveu aprovar uma nova redação do seu ESTATUTO SOCIAL, para adequá-lo a legislação Brasileira, Lei Federal nº 10.406/2002- Código Civil Brasileiro.

TITULO I

DENOMINAÇÃO, SEDE, DURAÇÃO E SEUS FINS.

Artigo 1º - É constituída, na Cidade de Florianópolis, Capital do estado de Santa Catarina, com sede e foro nesta Capital, uma sociedade civil, sem fins econômicos, de caráter científica e cultural, denominada COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE - CCF como daqui para frente será registrado neste Estatuto -, cuja data de fundação com esta denominação ocorreu aos 02 de janeiro do ano de 1970, é tem sua duração em tempo ilimitado.

Parágrafo Único - A Comissão Catarinense de Folclore, então denominada de SUB-COMISSÃO, integrada à Comissão Brasileira de Folclore, foi instalada aos 07 de setembro de 1948, sendo a sua primeira diretoria constituída por Oswaldo Rodrigues Cabral seu Secretário Geral e Almiro Caldeira de Andrade sub-secretário, constando como fundadores as seguintes personalidades integrantes do, em outubro de 1948, I Congresso de História Catarinense promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1896) para comemorar e estudar os duzentos anos da colonização Açoriana no sul do Brasil com seu comando na Ilha de Santa Catarina: Almiro Caldeira de Andrade, Oswaldo Ferreira de Mello, Walter Fernando Piazza, Roberto Lacerda e mais os que nesta data já falecidos, Henrique da Silva fontes, Oswaldo Rodrigues Cabral, Altino Flores, Álvaro Tolentino de Souza, Antônio Nunes Varela, Antônio Taulois de Mesquita, Aroldo Caldeira, Aroldo Carneiro de

Carvalho, Carlos da Costa Pereira, Carlos Bücheler Junior, Custodio Francisco de Campos, Elpídio Barbosa, Henrique Stodieck, Hermes Guedes da Fonseca, Ildefonso Juvenal, João dos Santos Areão, João Crisóstomo de Paiva, João Arão Sena, Martinho de Haro, Othon D'Éça, Plínio Franzoni Junior, Pedro José Bosco, Victor Antônio Peluzzo Junior e Wilmar Orlando Dias. Pelos Estatutos registrados, em 1970, foram incluídos como fundadores mais os seguintes folcloristas; Doralécio Soares, Nereu do Vale Pereira, Theobaldo Costa Jamundá, Maria do Carmo Pinto, Carlos Alberto Angioletti Vieira, Myrian Conceição Beltrão Ferraro de Carvalho, Clea Mendes de Brito, Maria Terezinha Sobierasky e Roberto Kell.

Artigo 2º - A CCF, tem por objetivos incentivar e coordenar pesquisas, estudos, promoção, defesa e divulgação do folclore vivenciado no âmbito do Estado de Santa Catarina.

Artigo 3º - A CCF, para cumprir essas finalidades promoverá principalmente:

- a) pesquisas sobre o folclore de Santa Catarina;
- b) publicação e divulgação de trabalhos desse gênero;
- c) promoção para o aproveitamento do folclore nas Escolas;
- d) articulará medidas para proteção do artesanato folclórico, arte popular e outros fins dessas manifestações;
- e) manterá intercâmbio com as demais Comissões ou Sociedades congêneres;
- f) dará apoio à exposições, feiras, palestras, cursos, seminários, comemorações e solenidades relativas ao folclore;
- g) a defesa do patrimônio imaterial e folclórico existente no Estado de Santa Catarina;
- h) manterá a publicação: **BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE**;
- i) atendimento à solicitações informativas sobre o folclore catarinense e, dentro dos limites, o nacional.

TITULO II DOS ASSOCIADOS

CAPITULO I DOS ASSOCIADOS E SUA ADMISSÃO

Artigo 4º - O quadro de associados da CCF, selecionado entre autores de trabalhos sobre folclore e pessoas interessadas em qualquer de suas diversas manifestações, compor-se-á de: Fundadores, Efetivos, Correspondentes, Honorários e Colaboradores.

Parágrafo Único - Nenhum dos Associados responderá isolada, subsidiária ou solidariamente, pelas obrigações da entidade.

Artigo 5º - A admissão de associado dar-se-á mediante requerimento por escrito e encaminhado através da Diretoria à Assembléia Geral especialmente convocada para decidir sobre o seu deferimento.

Parágrafo Único - A cada associado admitido será expedido Diploma assinado pelo Presidente e secretário.

SEÇÃO I DOS ASSOCIADOS FUNDADORES

Artigo 6º - São Associados Fundadores os relacionados na Parágrafo Único do Artigo 1 deste Estatuto.

SEÇÃO II DOS ASSOCIADOS EFETIVOS

Artigo 7º - A indicação de Associado Efetivo deverá ser apresentada por outro associado, também efetivo, por escrito e encaminhado à Diretoria para os devidos trâmites, comprovando o que fundamenta o Artigo 4.

Parágrafo Único - O número de associados efetivos é limitado em até vinte membros.

SEÇÃO III DOS ASSOCIADOS HONORÁRIOS

Artigo 8º - Será admitido como Associado Honorário a pessoa de excepcional merecimento, que se salientar por seu saber; por ações em prol do desenvolvimento cultural ou ainda, aquele que contribuir para o prestígio da Comissão Catarinense de Folclore.

Parágrafo Único - Fica atribuído, por este Estatuto, o título de Presidente Honorário e Imortal ao Professor Doralécio Soares.

SEÇÃO IV DOS ASSOCIADOS CORRESPONDENTES

Artigo 9º - A categoria de Associado Correspondente é destinada a pessoas que preencherem as condições do artigo 4, porém com residência fora do Estado de Santa Catarina ou mesmo em outros países.

CAPÍTULO II DOS DIREITOS E DEVERES DOS ASSOCIADOS

Artigo 10° - São direitos dos associados:

- a) participar de todas as programações e atividades da CCF;
- b) discutir, votar, eleger e ser eleito para qualquer cargo dentro da CCF, direito este reservado aos associados efetivos e quites com suas obrigações estatutárias;
- c) apresentar trabalhos relacionados à cultura popular, ao patrimônio imaterial e às manifestações folclóricas;
- d) Ter preferência na publicação de seus trabalhos no Boletim da CCF;
- e) declarar em suas obras que pertence a Comissão Catarinense de Folclore;
- f) desligar-se da CCF por vontade própria através de comunicado, por escrito, à Diretoria.

Artigo 11° - São deveres dos Associados:

- a) cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto;
- b) pagar as contribuições financeiras fixadas em Assembléia Geral;
- c) aceitar os encargos que lhe competir ou que lhe for atribuído;
- d) comparecer as sessões ordinárias, extraordinárias e festivas programadas pela CCF;
- e) dedicar-se com empenho, aos fins da instituição.

Parágrafo Único - O não comparecimento em sessenta por cento das atividades anuais da CCF, e/ou o não pagamento dos encargos financeiros por três meses consecutivos, ou doze alternados, significa exclusão, ficando assegurado o direito de recurso, através de requerimento, por escrito, encaminhado para a Assembléia Geral.

TÍTULO III DOS ÓRGÃOS E DO FUNCIONAMENTO DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

CAPÍTULO III DOS ÓRGÃOS DA CCF

Artigo 12° - São órgãos da CCF:

- a) Assembléia Geral Ordinária ou Extraordinária;
- b) Diretoria Executiva;
- c) Conselho Fiscal;

SEÇÃO I DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Artigo 13° - A Assembléia Geral é a instância máxima de deliberações da CCF, e reunir-se-á ordinariamente na Segunda quinzena de março de cada para apreciar a prestação anual de contas da Diretoria e, de quatro em quatro anos, nos anos ímpares e no último dia útil do mês de junho para proceder às eleições da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal, e Assembléias Extraordinárias mediante pauta específica, devendo ser convocadas pelo Presidente ou por um quinto dos associados efetivos com situação regular quanto ao cumprimento dos deveres estatutários.

Artigo 14° - A Assembléia Geral será presidida pelo Presidente da CCF e dela participando todos os associados e de todas as categorias com direito de voz e votos.

Artigo 15° - A convocação será feita por ofício-circular e, se possível, mediante edital afixado na sede da CCF, encaminhada à convocação aos associados com AR e no edital constando dia, hora, local e a ordem do dia a ser seguida.

Artigo 16° - Assembléia geral reunir-se-á em primeira convocação sempre com a antecedência mínima de dez dias, com cinquenta por cento de seus associados efetivos e, em Segunda convocação, o que se darão quinze minutos após a primeira, com a presença mínima de um terço de seus associados efetivos. Persistindo a falta de quorum nova Assembléia deverá ser convocada quando essa poderá deliberar com qualquer número de presentes.

Artigo 17° - A Assembléia geral é o único órgão que pode deliberar sobre reforma e/ou alterações estatutárias e dissolução da CCF.

Artigo 18° - Para o caso de eleições da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal a convocação deverá ser feita com antecedência de trinta dias antes do término do mandato, e posse dos eleitos será feita na mesma Assembléia das Eleições.

Artigo 19° - Em todos os casos de deliberações da Assembléia Geral, o Presidente terá o voto de desempate.

Artigo 20° - As deliberações da Assembléia Geral para que sejam tomadas pelo regime de votação secreta, tal deve ser requerido no plenário e antes de se iniciar o processo decisório, sendo as demais deliberações tomadas por votações simples da maioria dos presentes.

Artigo 21º - Será admitido o voto por correspondência sempre encaminhado via postal com registro, assegurando o sigilo da vontade do votante.

Artigo 22º - Compete a Assembléia Geral decidir sobre a destituição de membros da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal.

Artigo 23º - Para DESTITUIR ADMINISTRADORES, ALTERAR O ESTATUTO E DISSOLVER A CCF, é necessário voto concorde de (2/3) dois terços dos presentes à Assembléia Geral especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar em primeira convocação sem a maioria absoluta dos associados ou menos de (1/3) um terço nas convocações seguintes.

SEÇÃO II DA DIRETORIA EXECUTIVA

Artigo 24º - A Diretoria Executiva, com mandato de quatro anos e eleita em Assembléia Geral Ordinária realizada no último dia útil do mês de junho dos anos ímpares, é composta de:

- a) Presidente;
- b) Vice-Presidente;
- c) Secretário;
- d) Tesoureiro;

Parágrafo 1 - São elegíveis somente os Associados Efetivos e em pleno cumprimento dos dispositivos Estatutários.

Parágrafo 2 - Todos os membros da Diretoria Executiva, pelo exercício de seus mandatos, não receberão qualquer remuneração financeira ou qualquer outra vantagem de qualquer natureza.

Parágrafo 3 - É permitida a reeleição de todos os membros da Diretoria Executiva.

Parágrafo 4 - Os cargos que vagarem durante o quadriênio serão preenchidos mediante eleição de substituto por um colégio eleitoral formado pelos membros da Diretoria Executiva e os membros do Conselho Fiscal.

SEÇÃO III DAS ATRIBUIÇÕES DOS DIRETORES

Artigo 25º - Ao presidente compete:

- a) Representar a Comissão Catarinense de Folclore em todas as instâncias judiciais e fiscais;

- b) Convocar e presidir a Diretoria Executiva, as reuniões as Assembléias Gerais e demais atividades coletivas;
- c) Formalizar a admissão e demissão de funcionários, nomear representante, outorgar procuração, nomear e exonerar membros de comissões especiais de trabalhos criadas pela Diretoria Executiva;
- d) Ordenar as despesas da CCF e em conjunto com o tesoureiro movimentar e assinar cheques ou ordens de pagamento;
- e) Nomear comissões para fins previstos nos objetivos da CCF;
- f) Resolver questões omissas e decidir sobre assuntos não claramente definidos neste Estatuto;
- g) Assinar as admissões e diplomas de associados.

Artigo 26º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente em seus impedimentos, licenças ou faltas desempenhando suas funções e encargos previstos no artigo anterior.

Artigo 27º - Ao Secretário, na qualidade de superintendente dos demais serviços administrativos da CCF, compete a lavratura e leitura das atas, bem como manter em ordem e funcionamento dos serviços de secretaria dando especial atenção para o registro e controle dos associados.

Parágrafo único - O Presidente quando houver urgente necessidade poderá designar secretário "ad hoc".

Artigo 28º - Ao Tesoureiro compete arrecadar e zelar pelos fundos da instituição, movimentando, com o Presidente, as contas bancárias, elaborar balancetes e prestar contas atendendo as demandas fiscais junto às fazendas, federal, estadual e municipal.

Parágrafo único - O Tesoureiro é responsável pela elaboração do orçamento anual da CCF e de elaborar a prestação anual das contas encaminhando-as ao Conselho Fiscal para análise e encaminhamento exame final peça a Assembléia Geral.

SEÇÃO IV DO CONSELHO FISCAL

Artigo 29º - O Conselho Fiscal, com mandato de quatro anos, é composto de três membros eleitos em Assembléia Geral, nos termos deste Estatuto, ao qual compete:

- a) - discutir e assinar parecer conclusivo dos balancetes e balanço anual apresentado pela Diretoria Executiva e submetendo-o a Assembléia Geral;

b) apurar, pelos meios disponíveis de qualquer possível irregularidade verificada ou acusação a ele encaminhada por associados e, se o caso merecer decisão, convocar Assembléia Geral para esse fim específico.

CAPÍTULO IV DAS SESSÕES DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Artigo 30° - As atividades da CCF serão ordinárias, extraordinárias, solenes, festivas ou conforme programa anual elaborado pela Diretoria Executiva.

Artigo 31° - As reuniões de Diretoria obedecerão a um cronograma anual previamente distribuído para os associados e suas decisões serão tomadas por votação entre seus integrantes.

TÍTULO IV DO PATRIMÔNIO E FONTES DE RECURSOS

Artigo 32° - Constitui o patrimônio da CCF, além dos atribuídos no presente artigo, os móveis, utensílios e objetos existentes em sua sede, registrados em livros específicos e mais as estantes que compõe a sua Biblioteca devidamente cadastrada, além das peças restantes, e anotadas em livro especial, do acervo do Museu.

Artigo 33° - As fontes dos recursos da Comissão Catarinense de Folclore serão constituídos:

- a) pelas anuidades dos associados;
- b) da venda e comercialização publicitária do Boletim e demais obras editadas;
- c) dos subsídios e financiamentos concedidos pelos poderes públicos;
- d) dos rendimentos de seu patrimônio;
- e) de doações diversas;
- f) de eventuais receitas.

Parágrafo 1 - Constitui o Patrimônio da CCF, além dos atribuídos no presente artigo, os móveis, utensílios e objetos existentes em sua sede, registrados em livros específicos e mais as estantes que compõe a sua Biblioteca devidamente cadastrada, além das peças restantes, e anotadas em livro especial, do acervo do Museu.

Parágrafo 2 - A prestação anual de contas deverá obedecer aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade,

economicidade e da eficiência, adotará práticas de gestão administrativas, necessárias e suficientes a coibir a obtenção, de que se dê publicidade por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, sendo levado a Assembléia Geral para aprovação.

TÍTULO V DAS DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Artigo 34° - A prestação anual de contas deverá obedecer aos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência, adotará práticas de gestão administrativas, necessárias e suficientes a coibir a obtenção de forma individual ou coletiva, de benefícios ou vantagens pessoais, em decorrência da participação no respectivo processo decisório, e que se dê publicidade por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, sendo levado a Assembléia Geral para apreciação final.

Artigo 35° - Decidida a dissolução da CCF, e satisfeito o passivo, o remanescente patrimônio será destinado à Comissão Nacional de Folclore ou a Universidade Federal de Santa Catarina conforme for decidido na Assembléia Geral, na mesma oportunidade.

Artigo 36° - A fim de incentivar a pesquisa de campo do folclore catarinense a CCF cria o prêmio "FOLCLORISTAS CATARINENSE".

Parágrafo único - O Prêmio "Folclorista Catarinense" homenageará anualmente a pessoa que, mesmo falecido, tenha contribuído para o folclore do Estado de Santa Catarina, querem na área de pesquisa, estudos ou divulgação.

Artigo 37° - A CCF terá bandeira e símbolo próprio.

Parágrafo único - A bandeira e o símbolo de que trata o presente artigo será matéria para estudos e prévia aprovação entre seus membros.

Artigo 38° - Os cargos e funções da Diretoria, Conselho Fiscal, de eventuais comissões e de qualquer atividade da CCF, não podem ser remunerados, salvo em caso de eventos ou elevados estudos técnicos que venham a ser realizados fora do Estado devendo, na hipótese, a Diretoria decidir.

Artigo 39° - A CCF só poderá ser extinta por decisão de dois terços dos associados em situação de regularidade estatutária em Assembléia Geral especificamente convocada.

Artigo 40° - O presente Estatuto só poderá ser alterado por Assembléia Geral convocada especialmente para este fim.

Artigo 41° - Os casos omissos neste Estatuto serão decididos pela Diretoria Executiva observada à prática consuetudinária.

Artigo 42° - Este ESTATUTO entra em vigor a partir do seu registro nos órgãos oficiais competentes da Comarca de Florianópolis e foi aprovado em Assembléia Geral realizada aos dois dias do mês de novembro de 2006, na cidade de Florianópolis.

Ass. Doralécio Soares, Presidente, Tipógrafo programador aposentado, CPF 002 670 589/34; C.I. SC n° 23 932-1 residente na Rua Júlio Moura n° 146, nesta cidade de Florianópolis.

Nereu do Vale Pereira, Vice-Presidente, Professor Universitário aposentado, residente na Avenida Hercílio Luz n° 1199/702, nesta cidade de Florianópolis, CPF 007 872 729/49, C.I./SC 55 561.

Maura Soares, Secretária, Professora aposentada, residente na Avenida Patrício Caldeira de Andrada, N° 581, apto 306, Florianópolis, CPF 006 650 459 72 C.I. SSP/SC 89 930.

Gelcy José Coelho, Tesoureiro, Museólogo – Cultura Popular de modo geral e em especial de Santa Catarina com foco no litoral catarinense, residente na Rua Getúlio Vargas, N° 399, Centro – São José, C.I. SSP/SC 155.

Lançamento do Programa “Roteiros Nacionais de Imigração” Organizado pelo Iphan

Nereu do Vale Pereira

Santa Catarina é um estado que se caracteriza por uma grande diversidade cultural. A rigor possui sub-áreas culturais e cada sub-área cultural, armazena, registra e oferece manifestações folclóricas de acordo com cada grupo étnico e suas origens e estruturação, e de acordo com os períodos migratórios. Períodos chamados (período de migração), que vai do século XVI ao século XIX, os quais: açorianos no litoral; alemães, italianos ucranianos e poloneses na encosta; e, no planalto o influencia vicentista e gauchesca.

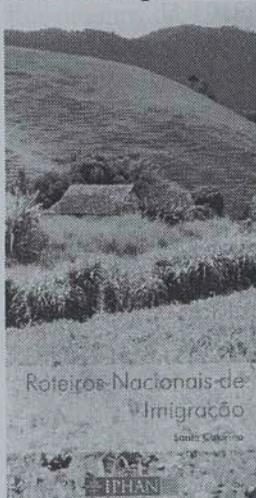
O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem a lançar um programa que intitula Roteiros Nacionais de Imigração, e começando esse programa aqui no estado de Santa Catarina. É destacado, primeiro o contributo de alguns municípios catarinenses de colonização: italiana, alemã, poloneses e ucranianos. E, desses municípios, se começou a implantar o programa de restauro e identificação das manifestações culturais desses roteiros de imigração no Brasil.

Agora no dia 29/8/07, o IPHAN veio a Santa Catarina lançar este programa, e dar o seu início justamente numa área importantíssima e rica no folclore brasileiro. Escolheu o alto Vale do Itajaí. E a região escolhida é formada por colônias de alemães, pomeranos, e para tal, o município escolhido foi o de Pomerode. Escolheu neste município, um sítio, aliais uma propriedade rural, embora o nome sítio seja escolhido para identificar certa região (sítio denominado tribéss). Tribéss é o sobrenome de uma família de alemães que passa a integrar esta área, e ali eles passaram a praticar a agricultura, a pecuária e deixaram ali uma propriedade construída com recursos locais estilo enxaimel, passaram, portanto, durante quase cento e trinta anos, e o IPHAN veio a esta propriedade restaurá-los, e também, lançar nela o programa chamado roteiros da imigração no Brasil, relativos ao século XIX. A solenidade contou com a presença de todas as estruturas do IPHAN, com o Ministro da Cultura, e Secretário Estadual de Cultura, e também, o presidente da Comissão Catarinense de Folclore.

Na solenidade de lançamento, discursos e promessas, também houve a apresentação de grupos folclóricos. Verificou-se a participação do grupo folclórico alemão, mostrando aspectos da chamada dança do lenhador, a dança da colheita, e também, o cantar da primavera. Apresentou-se, também, um grupo folclórico da região de Papanduva, grupo chamado anglicano, de manifestação ucraniana, com várias peças de artesanato próprio, grupo característico da cidade de Itaiópolis. Além da apresentação do coral de crianças cantando algumas canções italianas de Rio dos Cedros.

Portanto, foi uma solenidade que deu início a este programa do IPHAN, e como foi destacado acima, a Comissão Catarinense de Folclore, que tem participação no Conselho Estadual de Cultura, esteve presente na realização do evento, e divulgando também, o boletim da Comissão Catarinense de Folclore que tem participação no Conselho Estadual de Cultura. Estiveram presentes na divulgação também, os integrantes do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. O evento contou com a presença de mais de 200 pessoas de vários lugares, tais como Brasília, Rio de Janeiro, Florianópolis, pessoas da região do município de Pomerode e entre outros.

Em destaque Sítio Tribéss



LANÇAMENTO DO PROJETO ROTEIROS NACIONAIS DE IMIGRAÇÃO EM SANTA CATARINA

Segunda-feira dia 27/08/2007- 14 horas

PROGRAMAÇÃO EM POMERODE
– SÍTIO TRIBÉSS (localidade de
WUNDERWALD)

PREVISÃO DE CHEGADA DA COMITIVA: 13h30

13h00 – Abertura do local ao público
13h30 – Recepção e protocolo
14h00 – Apresentações culturais: Grupo
folclórico Alpino Germânico (Pomerode)
Grupo folclórico Colibri (Rio dos Cedros)
Grupo folclórico polonês (Itaiópolis)
14h30 – Cerimonial

- Abertura e composição da mesa de autoridades
- Hino Nacional cantado por soprano e violinista de Timbó
- Pronunciamento das autoridades (o prefeito anfitrião falará em nome de todos os prefeitos)
- Assinatura dos Termos de Cooperação
- Entrega das cestas de presente às autoridades

15h30 – Coquetel típico oferecido pelo município e animado pelos bandoneonistas

16h00 – Coletiva de Imprensa

Pomerode, 16 de Agosto de 2007.
Equipe de Organização do Evento em Pomerode.

Segue algumas imagens do local escolhido para este lançamento de projeto.

de Andrade era sócio fundador da Comissão Catarinense de Folclore. Em outubro de 1948, integrou um grupo de pessoas intelectuais de Florianópolis, estudiosos de Santa Catarina que junto ao Instituto Histórico e Geográfico, em nosso Estado quando se realizava um congresso comemorando os 200 anos da colonização açoriana, tomaram a decisão de estruturar uma organização que objetivasse estudar, pesquisar, escrever e divulgar o que se refere ao folclore catarinense. Era esta a criação, na época chamada Sub-Comissão catarinense de folclore, e que hoje recebe um nome, mas completo, Comissão Catarinense de Folclore. É com dor e saudades que registramos o falecimento de Almiro Caldeira de Andrade, 12 de novembro de 2007. Deixa muitos trabalhos produzidos, mas deixa também o nosso coração e nosso espírito com saudades, pesarosos e desejosos que a sua imagem perpetue por muito mais tempo. Então deixamos aqui registrado um grande agradecimento da Comissão Catarinense de Folclore, ao literato, acadêmico da Academia Catarinense de Letras: Sócio Emérito e Comenda de Mérito Cultural do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina Sócio fundador da Comissão Catarinense de Folclore, Almiro Caldeiras de Andrade.

As saudades ficam!

HISTÓRICO SOBRE OS CONGRESSOS BRASILEIROS DE FOLCLORE QUE AGORA CHEGA A SUA 13ª EDIÇÃO



O I Congresso Brasileiro de Folclore reuniu na cidade do Rio de Janeiro, em 1951, estudiosos e pesquisadores brasileiros que juntos estabeleceram princípios e normas para o estudo e a pesquisa folclórica, com métodos próprios de reconhecimento e valorização do saber e do fazer das comunidades populares e suas características peculiares.

Esse Congresso foi o pontapé inicial para uma série de outros, realizados em vários Estados, cujos resultados têm sido da maior importância para a vida cultural dessas localidades, com grande contribuição para a cultura brasileira. Os quatro últimos ocorreram nos Estados do Rio Grande do Sul, Maranhão, Goiás e Rio Grande do Norte. Desde 2004 o Ceará, por meio da Comissão Cearense de Folclore almejava realizar este nas terras “alencarinas”, tendo conquistado esta oportunidade na reunião da Comissão Nacional de Folclore em Goiânia, no último congresso.

Criada em maio de 1948, a **Comissão Cearense de Folclore**, teve a frente, além de **Henriqueta Galeno e Florival Seraine**, personalidades como **Cândida Galeno, Dalva Stella e Zélia Camurça**.

A **Comissão Cearense de Folclore – CCF**, anteriormente presidida pelo professor Florival Seraine, chegou a realizar vários cursos para estudantes, professores e a participar de vários projetos coordenados pela comissão nacional entre as décadas de 60 e 80 chegando inclusive a sediar o V Congresso Brasileiro de Folclore em 1963, tendo a frente o professor Renato Almeida, que presidia na época a Comissão Nacional.

A atual Comissão Cearense de Folclore tem também como grande parceiro deste evento o **Centro Federal de Educação de Tecnológica do Ceará** por meio do Curso de Especialização em Cultura folclórica Aplicada que vem possibilitando um estudo acadêmico e sistemático da cultura tradicional popular do nosso povo.

Com o tema **FOLCLORE – Diversidade, educação, políticas públicas e direitos culturais**, busca trazer a tona estudos recentes com pesquisadores contemporâneos que investigam as dificuldades atuais das culturas populares, favorecendo uma compreensão do povo brasileiro de índios, negros, mestiços, caboclos, plurais, diversos, mas, sem perder a noção do povo que particularmente somos cada um. O 13º Congresso Brasileiro de Folclore discutirá, também, sobre o direito intelectual do portador do folclore, assunto voltado para as diretrizes da UNESCO e da Organização Mundial da Propriedade Intelectual.

O reconhecimento e a valorização da nossa diversidade cultural perpassam pela forma como isto está encampado nos aspectos educacionais e pela maneira como se insere nas políticas públicas governamentais ligadas a cultura e a educação principalmente. O 13º Congresso brasileiro de Folclore elege este tema como caminho principal por entender que ele contempla os principais estudos sobre

as tradições populares e seus aspectos diversos e plurais neste início de terceiro milênio.

OBJETIVOS:

- Possibilitar o envolvimento de pesquisadores e estudiosos cearenses e brasileiros, com os mais recentes estudos e pesquisas, ampliando e favorecendo a discussão dos novos paradigmas que norteiam o saber popular.
- Estimular jovens estudiosos da cultura tradicional popular na participação de evento acadêmico como participante e coordenador de atividades.
- Gerar discussões sobre o Folclore na contemporaneidade possibilitando a compreensão de novos paradigmas.
- Oportunizar o conhecimento e o reconhecimento das manifestações tradicionais populares e da diversidade brasileira.
- Promover a dinamização e o incentivo ao estudo e à pesquisa folclórica científica entre professores, alunos, folcloristas e outros pesquisadores sociais brasileiros.
- Configurar o Ceará como um espaço acadêmico no estudo e pesquisa científica das tradições populares.
- Promover e estimular a pesquisa folclórica, combinando os procedimentos de investigação e de análise provenientes das diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais.
- Contribuir para o fomento, divulgação e dinamização de políticas públicas e/ou ações afirmativas que beneficiem, ou podem beneficiar as culturas populares no Brasil e na América latina, principalmente.

JUSTIFICATIVA:

O Congresso **Brasileiro de Folclore** é um evento que se reveste de fundamental importância para o reconhecimento dos atuais estudos relacionados ao Folclore brasileiro, uma vez que atua diretamente com a percepção e a capacidade criadora de todos os agentes dos diversos recantos do Brasil. Através de conferências, oficinas, mesas redondas, debates e palestras, o congresso contribui de forma sistemática com o desenvolvimento de pesquisadores e estudiosos da cultura tradicional popular e áreas afins, bem como outros produtores culturais, por meio do conhecimento, divulgação e discussão sobre os estudos de manifestações tradicionais populares, e suas diversas metodologias áreas de pesquisa. A realização do

CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE favorecerá o reconhecimento de várias faces deste povo cearense corajoso e forte, como também levará à nossa gente a pesquisa folclórica oriunda das mais diferentes tendências, o estudo contemporâneo e a dinâmica das atividades do universo folclórico que vêm se desenvolvendo em nossa sociedade em constante transformação. Durante o evento, os participantes tomarão contato com manifestações folclóricas das mais diversas, como: dança, música, artes plásticas e literatura. Tais manifestações, além de servirem como norteadores da produção cultural são expressões da diversidade brasileira.

EIXO TEMÁTICO DO 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE



Folclore – diversidade, educação, políticas públicas e direitos culturais.

As chamadas para apresentação de trabalhos foram estabelecidas da seguinte maneira: Até o dia 30 de junho de 2007, a coordenação – geral do Congresso Brasileiro de Folclore receberá inscrições para apresentação nos GRUPOS DE TRABALHO.

Podem ser apresentados: resultados de pesquisas, projetos em andamento, monografias ou dissertações.

As propostas deverão ser enviadas para o correio congressobrasileirofolclore@cefetce.br que encaminhará para os respectivos coordenadores.

Quem desejar apresentar trabalho completo já deverá enviar o mesmo junto ao resumo.

As confirmações de aceite serão enviadas via e-mail até o dia 30 de junho de 2007.

A partir destas prerrogativas para a apresentação de trabalhos, o evento aconteceu de 18 a 22 de setembro em Fortaleza, e nele, várias discussões foram realizadas em mesas redondas e grupos de trabalhos, em que foram discutido os seguintes temas:

Mesa redonda:

- Identidades e identificações no Brasil
- Mestres, profetas e portadores de saberes populares
- Artesanato: saberes tradicionais nos novos mercados
- Direitos culturais e formas legais de articulação e organização das comunidades populares
- Oralidade e escrita
- A função dos grupos de projeção folclórica: na educação e no turismo
- Propriedade intelectual – dificuldades e convergências
- Escolas diferenciadas indígenas
- Quilombolas: educação e inclusão na escola



Grupos de Trabalhos

- Religiosidade Popular
- Medicina Popular: saberes e práticas
- Gastronomia tradicional
- Folclore e Turismo
- Oralidade
- Folkcomunicação
- Etnomusicologia
- Políticas públicas para as Culturas Populares
- Folclore e Educação
- Danças e Festas Populares
- Patrimônio Material e Folclore
- Lúdica Infantil
- Artesanato
- Teatro Popular e Folguedos
- Empreendedorismo e Folclore
- Formação do professor de Folclore



A Comissão Catarinense de Folclore esteve presente neste 13º Congresso Brasileiro de Folclore

Cultura Popular: Mortalha D'Alma ou Coberta D'Alma



Trata-se o título “Mortalha D’Alma”, do designativo para uma prática, um rito de passagem, referente à morte humana e suas celebrações, segundo costumes populares da Ilha de Santa Catarina. Segundo a tradição, trazida pelos açorianos que massivamente (6.000 pessoas) imigraram para esta Ilha entre 1748 e 1756, obedecendo a um programa de colonização do Sul do Brasil, e programado pela Coroa Portuguesa sob a orientação do conselho ultra marino de Portugal.

Em que consiste esse ritual?

Muitos são os populares eventos, ritos, ou práticas que cercam e celebram as principais etapas ou “passagens”, da vida de cada ser humano desde o nascer, receber o nome, ser batizado com a escolha de padrinhos, no iniciar os estudos, aos quinze anos, no namoro, no noivado, casamento, paternidade do primeiro filho... e morte.

A morte é uma passagem última e dolorosa, ou pelo menos, culturalmente vivida com muita dor, sofrimento tristeza e saudades. Cada indivíduo deve enfrentar essa passagem a qualquer momento da vida e, quando?: não é possível pré-determinar pois “*só Deus sabe o dia e a hora que a morte venha*”. Provérbio popular.

Em relação à morte há ritos que a antecedem, e outros, os quais são realizados após sua constatação, como, por exemplo, o velório que deve (ou deveria, antigamente) perdurar por até três dias para se ter certeza que a pessoa teria morrido e, assim evitar que fosse sepultada ainda com esperança de vida, ou até mesmo vivo,

afirmavam muitos. Luto, dor, saudades e incertezas, envolvem o mistério da morte e da vida.

Certo é que o defunto, ou falecido, deve ser venerado, cultuado em suas virtudes e feitos, e protegido por orações, especialmente por sua alma. Não há ser humano sem uma “coberta” espiritual, portanto não só material, obedecendo, aquela, coberta todo um sentido e sentimento de religiosidade. O ser humano está envolvido com uma alma uma auréola luminosa! Praticamente se apresenta ao povo simples como uma cobertura, uma coberta, uma roupagem, isto é uma vestimenta. “*Uma coberta da alma*”, para o ser vivo e uma mortalha da alma quando falece, pelo menos até o sétimo dia posterior à sua morte.

Segundo a tradição antiga, crença popular, assim que o homem morre sua alma fica a vagar pelo mundo por sete dias até se apresentar perante Deus para receber a sentença final ou o juízo final. Só no sétimo dia é que se apresenta perante o Deus dos Céus, Pai de todos, para receber a glória eterna ou o castigo!

Dessa crença nasce a necessidade da *Missa de Sétimo Dia*. Deve justamente ela ocorrer como uma prece a favor do falecido justamente no momento em que estará sendo julgado pelo Criador.

Desde a morte até o seu julgamento são sete dias de espera, de angústias, de esperanças e principalmente preocupações pelos íntimos que ficaram vivos a lhe lembrar a vida e a morte. Todos ficam preocupados querendo o melhor para o descanso da alma do falecido.

Para um período de recolhimento escolhe-se, ou alguém voluntariamente se apresenta, para ser um ente querido vivo a ficar recolhido em oração e reflexão com pedidos a Deus pelo falecido e vestindo uma veste dele escolhida ente suas melhores roupas então deixadas. Tal veste recebe a denominação popular de “*Mortalha D’alma*” ou “*Coberta D’alma*”.

Aquele que ficou com a responsabilidade de vestir a roupa do falecido, deverá comparecer a Missa do Sétimo Dia justamente com ela rigorosamente trajado como se fosse o próprio falecido que estaria perante Deus Pai, suplicando por uma clemência, um descanso eterno e uma vida gloriosa no Céu.

Entregava-se ao juízo final a alma do defunto como que com uma realidade material e de efeito espiritual, buscando a felicidade eterna.

Como se vê, trata-se o título popular “mortalha d’alma” de uma sacralização da vida e da morte, de um rito de passagem, deste mundo para a vida eterna. Amém!

Nereu do Vale Pereira

A 14ª EDIÇÃO DA AÇOR/GOVERNADOR CELSO RAMOS-SC



A *Açor Festa da Cultura açoriana de Santa Catarina* aconteceu na cidade de Governador Celso Ramos – SC, entre 28 e 30 de setembro de 2007, nela aconteceram várias atividades da Cultura Açoriana em Santa Catarina. Governador Celso Ramos, é uma cidade, na qual ainda são permanentes os aspectos da cultura luso-açoriana, tais como: A farra do boi, a atividade pesqueira, os costumes e também as várias manifestações da cultura popular como os mitos, lendas e causos.

Esta festa, ela é rotativa e a cada ano acontece em uma cidade diferente. É promovida pela Universidade Federal de Santa Catarina/NEA e a Prefeitura do local do Evento. Tem como fundamento, concentrar em uma mesma cidade o que se tem de mais autêntico e original no litoral catarinense: no Folclore, Gastronomia, Artesanato, Religiosidade, Folguedos, Danças e Cantorias que se herdou dos Açorianos. É um evento com apresentações culturais e folclóricas, exposições e shows abertos ao público, e totalmente gratuito.

Na solenidade de abertura do 14º AÇOR, o Professor Nereu do Vale Pereira, que além de Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, é membro fundador do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC, recebeu o Troféu Açorianidade na categoria “Personalidade”.

DANÇAS: da cultura luso-açoriana apresentadas na 14ª AÇOR.



CURSO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS AÇORIANAS

CURSO DE DANÇAS FOLCLÓRICAS AÇORIANAS

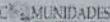
Objetivo: Capacitar professores, coordenadores de grupos folclóricos e agentes culturais com técnicas, coreografias, músicas e passos das danças folclóricas açorianas. Também pretendemos qualificar os grupos existentes e formar novos grupos de danças do Folclore Açoriano no litoral do Estado de Santa Catarina.

Data dos cursos: Sempre aos Sábados às 8 às 17 horas
ITAJAI - 28/04 a 26/05/2007
SOMBRIÓ - 02 a 30/06/2007
SÃO JOSÉ - 04/08 a 01/09/2007

Serviços:
Ministrante: Vera Eli Pereira Pires
Inscrições: 28 de março a 27 de abril de 2007
Inscrições e informações: www.nea.ufsc.br ou pelo telefone 48 3721.8605
Taxa de inscrição: R\$ 50,00 (taxa única pelo curso)
Ministrante: Vera Eli Pereira Pires

VAGAS LIMITADAS



Promoção:  Realização:  Apoio: 

Objetivo: Capacitar professores da rede pública ou privada e coordenadores de grupos folclóricos e agentes culturais com técnicas, coreografias e passos das danças folclóricas açorianas. Com este curso pretendemos também qualificar os grupos existentes e formar novos grupos de danças do Folclore Açoriano no litoral do Estado de Santa Catarina.

O Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC tem recebido inúmeras solicitações do litoral do Estado para realizar um curso específico de Danças Folclóricas Açorianas e para atender esta grande clientela convidamos a coreógrafa do Grupo Mixtura de Bombinhas para ministrar este curso.

O Curso de Danças terá a duração de 40 horas e será realizado sempre aos sábados das 8 às 12 e das 13 às 17 horas. Terá direito ao certificado de conclusão do curso expedido pela Universidade Federal de Santa Catarina quem cumprir a carga horária de 90% do programa, será distribuído material de apoio para continuidade dos trabalhos em sua comunidade (partituras, CDs com músicas folclóricas, apostilas e bibliografia de apoio). Durante o curso serão repassadas danças folclóricas originárias das nove ilhas do arquipélago dos Açores.

O curso será ministrado pela coreógrafa e pesquisadora do folclore açoriano Vera Eli Pereira Pires e terá apoio do grupo de dança da Associação Folclórica Mixtura de Bombinhas. (anexo texto sobre o Grupo Mixtura). Acontecerá em três cidades diferentes do

litoral catarinense para evitar um grande deslocamento dos interessados (veja as datas abaixo). Realizaremos os cursos nas cidades de Itajaí, Sombrio e São José.

O curso tem vagas limitadas e as inscrições serão oficializadas por ordem de chegada, pretendemos trabalhar com um número mínimo de 12 inscritos e o número máximo para o bom andamento dos trabalhos será de 24 pessoas.

Conteúdos (prático e teórico):

1 encontro	2 encontro	3 encontro	4 encontro	5 encontro
Ilha do Faial	Ilha do Pico	Ilha Terceira	Ilhas: Jorge, Corvo, Flores e Graciosa	S. Ilhas: Maria e Miguel
- Lira	- Padeirinha	- Pai do Ladrão	- Balancé	- Bela
- Vacas	- Carinhosas	- Fado de Estudante	- Chamaramita de S.João	Aurora
- Rema	- Chiné	- Chamaramita da Terceira	- Vacas Lavradas	- Balho da Povoação
- Manjeriçã	- Eu Cá Sei		- Pezinho das Flores	STA Maria e Erró
o			- Francisquinha	

DATA DOS CURSOS:

- Itajaí- 28/04 a 26/05/2007
- Sombrio- 02 a 30/06/2007
- São José- 04/08 a 01/09/2007

Informações: (48) 32718605 ou www.nea.ufsc.br

SERVIÇOS:

Inscrições: 28 de março a 27 de abril de 2007- VAGAS LIMITADAS

Ficha de Inscrição: www.nea.ufsc.br ou pelo telefone (48) 37218605

Taxa de Inscrição: R\$50,00 (taxa única pelo curso) depósito na conta bancária da FAPEU- Banco do Brasil/agência 3582-3 e conta corrente 203142-6

Fax para confirmação de Inscrição: (48) 3721 9325.

CONVITE DO FESTIVAL DE FOLCLORE (SÃO BENTO DO SUL – SC)

Em 2007, aconteceu o festival de Folclore em São Bento do Sul, o qual promoveu o encontro de várias etnias neste *Mosaico Cultural Catarinense*. São Bento do Sul é uma cidade do norte catarinense que se caracteriza por ser uma cidade importantíssima no pólo moveleiro de exortação e também, pela expressiva presença da cultura européia. Foi fundado por imigrantes alemães.

VOCÊ É NOSSO CONVIDADO
ESPECIAL!

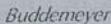


Local
Sociedade Desportiva Bandeirantes
Rua Alfredo Klotzsch, 181 - Centro

Patrocinador



Patrocinador



1º de Junho

19h30 Abertura

Apresentação especial dos Grupos Folclóricos
Cantatares Hobbiten (22 anos de existência) e
Bolnawald (23 anos)

Apresentação dos grupos folclóricos infanto-juvenil

Premiação

16h19 Recepção aos grupos

2 de Junho

17h Abertura - Apresentação do Grupo Vocal A Quatro

Início das apresentações de grupos folclóricos da região
Kalen, de Porto União

Confirmação dos grupos

Premiação

Jantar e Baile com Trío Musical Seletores para os folcloristas

Entrada Franca

CASA DOS AÇORES DO RIO GRANDE DO SUL



Dia 04 de dezembro de 2007 foi inaugurada a excelente, histórica e bela, nova “*Casa Sede*” da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul na cidade de Gravataí, próxima de Porto Alegre e um dos principais sítios históricos açorianos do referido Estado.

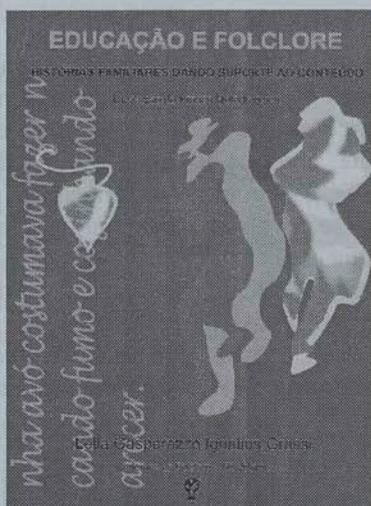
A inauguração ocorreu durante o evento mundial das “Casas dos Açores”, no qual esteve presente o Presidente de Governo dos Açores Carlos Manuel Martins do Vale César acompanhado de importantes autoridades incluindo a doutora Alzira Maria Serpe Silva – diretora da Direção Regional das Comunidades.

Essa nova sede é realmente um testemunho natural da contribuição açoriana na colonização do sul do Brasil, e por isso, o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore tem muita alegria e honra de registrar esse evento.

Parabéns à diretoria da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul.

CONVITE PARA O LANÇAMENTO DO 17º VOLUME DA SÉRIE *CADERNOS DE FOLCLORE*

Convite da Fundação Cultural Cassiano Ricardo/ Centro de Estudos da Cultura Popular – CECP para o evento de lançamento da série de volumes já descritas, o qual aconteceu em 23 de novembro de 2006 em São José dos Campos.



EDUCAÇÃO E FOLCLORE

HISTÓRIAS FAMILIARES DANDO SUPORTE AO CONTEÚDO

Descrição de Prática Metodológica

Leila Gasperazzo Ignatius Grassi

23 de novembro de 2006 - 19h30
Espaço Mário Covas
Praça Afonso Pena, 29 - Centro - SJCampos - SP

Informações:
Museu do Folclore de São José dos Campos
Tel: (12) 3924-7302
www.fcc.org.br



EXPOSIÇÃO: FLORIANÓPOLIS E AÇORES O ENCONTRO DAS ORIGENS



Esta exposição aconteceu no Espaço Cultural do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos - UFSC), o qual vem promovendo: debates, discussões e também o resgate da cultura açoriana em Santa Catarina. O NEA juntamente com o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – UDESC), são uns dos principais núcleos que vem debatendo e também se envolvendo com questões da nossa História, o qual na historiografia tradicional não eram debatidos, tais como: a cultura popular, a religiosidade de açorianos e de afro descendentes e outras temáticas que estavam caracterizadas como de pouca importância. E isto sim, mostra o empenho em resgatar através da memória, culturas que sem dúvida contribuíram para a formação do povo catarinense.



Exposição
Florianópolis e Açores
O encontro das origens

Fotografias
Joel Facheco

Promoção:
UFSC - Núcleo de Estudos Açorianos
UFSC - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros

Realização:
UFSC
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Apóio:
COMUNIDADES
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros

Local:
Espaço Cultural do NEA
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus: Trindade - Florianópolis - SC

Período:
de abril a 25 de maio de 2007
Horário: Segunda a sexta-feira
das 9 às 12 e das 14 às 17 horas

Contatos:
Criação e layout: anajetofacheco@gmail.com

Design gráfico:
Liderança: anajetofacheco@gmail.com
03/2007
Desenho: Vanessa Berti

RESGATE DOS BENZEDORES DO BAIRRO NOVA DESCOBERTA/ TIJUCAS- SC.

Orientação e organização: Professora Márcia Reis Bittencourt (do Grupo de Poetas Livres e moradora em Canelinha, SC, professora em Tijucas). Trabalho de pesquisa dos alunos da Escola de Educação Básica Professora Olívia Bastos- Tijucas- SC.

BENZIMENTO PARA ACALMAR TROVOADAS

Lá no céu tem três estrelas
escritas, três estrelas de água benta,
Para espalhar esta tormenta,
só jogar aguinha para espalhar esse vento.

ORAÇÃO PARA DEFENDER DO MAL

Em roda da minha casa
tem três São Cristo: São Pedro,
São Paulo, São João Batista.
Benzedora: Madalena Carvalho- 50 anos
Pesquisadoras: Carla Weber / Maristela L. de Oliveira e Daiana Reis.

BENZIMENTO PARA CURAR “DOR DE CABEÇA” E “DOR DE DENTE”

Deus é sol, Deus é lua,
Deus é as três pessoas da Santíssima Trindade
Se for sol, se for lua, se for ar,
Se for sangue, se for fraco se for morte.
Como entrou tem que sair,
Com o nome de Deus e a Virgem Maria.
Benzedora: Bernadina Lacerda Pezzine
Pesquisadora: Taize Pezzine.

BENZIMENTO PARA CURAR ÍNGUA

O que é que eu corto?
Corto íngua com o nome de Deus e da Virgem Maria

Que tu secas e não verdeça
Com o nome de Deus e a virgem Maria.
Benzedora: Bernadina Lacerda Pezzine
Pesquisadora: Taize Pezzine.

BENZIMENTO PARA CURAR COBREIRO

O que é que eu corto? Cobreiro, sapeiro,
Brabo, eu corto cabeça, e corto pé,
corto mão, corto rabo em nome
de Deus e da Virgem Maria.
Amém.

Rezar o Creio em Deus Pai.

Benedora: Maria Tereza Vargas- 56 anos

Pesquisadora: Janaina M. Zonta.

BENZIMENTO PARA TIRAR SENSAÇÃO DE QUEIMOR.

A Nossa Senhora ia por um caminho e
encontrou um doente, perguntou
o que sentia, ela responde: que tinha
fogo que queimava e ardia.

Ela disse vem cá, que eu te benzo
com as três palavras divinas,
a folha do funcho, água da fonte,
pó de guia em Nome de Deus e
da Virgem Maria.

Rezar o creio em Deus Pai.

Benedora: Maria Tereza Vargas- 56 anos

Pesquisadora: Janaina M. Zonta

BENZIMENTO PARA CURAR ÍNGUA

O meu pai pega um pouco de
cinza e espalha no chão. Ele pede
para a pessoa colocar o pé em cima da
cinza e ele fala íngua corta, íngua não
corta, íngua corta e, no outro dia,
a pessoa está bem melhor.

Benedor: Jurandir Gomes de Oliveira- 50 anos

Pesquisador: Tarci José de Souza Oliveira.

BENZIMENTO PARA CURAR ASSUSTADO

Em primeiro lugar, a pessoa benze com a mão na cabeça do paciente e diz:

nome da pessoa, em Nome do Pai, do Filho e do

Espírito Santo, e soprando nas palmas das mãos, na testa e no rosto da

palavra por três vezes. Depois dessas palavras, reza o

Creio em Deus Pai.

Pega três brasa, um copo de água cheio, coloca uma brasa de cada vez no

chamando pelo nome da pessoa e dizendo:

$\frac{3}{4}$ desassuste-te, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,

repetindo

soprando a cabeça da pessoa, fala: te desassusto e dá a

água do copo para a pessoa tomar.

Benedora: Valdete Maria de Souza

Pesquisadora: Aline de Souza.

BENZIMENTO PARA ESTANCAR SANGUE

São Lucas e São Mateus foram cortar erva

no campo, São Lucas se cortou. São Lucas

gritou: me cure me cure. São Mateus disse: como é que

eu vou te curar? - Me cura com as três palavras Divinas.

Sangue põe em ti, como Jesus pôs em si, sangue te

põe em teu lugar natural, como Jesus Cristo pôs no

altar, em nome de Deus e da Virgem Maria.

Amém.

Benedora: Maria Tereza Vargas- 56 anos

Pesquisadores: Osnildo Reis Júnior, Marcos A. Duarte e Rafael

Ribeiro.

BENZIMENTO PARA CURAR ZIPRA

Pedro e Paulo foram a Roma, Jesus Cristo encontram.

Jesus Cristo perguntou: como vai por lá Pedro e

Paulo? Muita zipra e ziprela. Volta lá Pedro e Paulo curem. Senhor, com água da fonte e pó da guia em nome de Deus e da Virgem Maria.

Amém.

Benedora: Maria Tereza Vargas- 56 anos

Pesquisadora: Osnildo Reis Júnior, Marcos A. Duarte e Rafael Ribeiro.

BENZIMENTO PARA CURAR QUEBRANTE

Com dois botai,
com três eu te tiro
quebrante, mal olhado,
inveja em visão do bem
querer, ou raiva ou
mal olhado que te
botaram no teu comer,
no teu beber, no teu
dormir, no teu andar,
no teu vestir, no teu
trabalhar, na tua bondade,
no teu passear, na tua
gordura, na tua boniteza
Em todos os seus negócios, que seja.
Jesus que atire nas ondas
do mar sagrado.
Onde não houver boi a berrar
nem galo preto a cantar
nem cristão a batizar.
Sou eu é quem benze,
Jesus é quem cura.
Em Nome de Deus
e da Virgem Maria Santíssima.
Amém.

Benedora: Leonor Pinhotti Cardoso- 86 anos

Pesquisadora: Andreza dos Reis e Josiane Giacomossi.

BENZIMENTO PARA CURA IMPIZ

Impiz,
Impija,
Rabija,
não que rabija
com a cinza do fogo
quero te cura impiz.

Amém.

Benzedora: Leonor Pinhotti Cardoso- 86 anos

Pesquisadoras: Andreza dos Reis e Josiane Giacomossi.

BENZIMENTO PARA CURAR ZIPRA

Pedro e Paulo foram a Roma, Jesus Cristo encontrou. O que há lá?
Muita zipra, ziprela, ziprelao, vergão,
vermelho zipra tola, zipra roza, zipra fogo e zipra
branca. Volta atrás Pedro Paulo com o Senhor. Se eu não sei benzer
com a lâ do carneiro e o azeite do
Senhor em Nome de Deus e da Virgem Maria.
Amém.

BENZIMENTO PARA ELIMINAR VERRUGA

Deus te salve lua nova, nem te vi, nem agora a outra luz que voltar
leve essa
verruga embora.
Pesquisadora: Jéssica Pacheco- 5.^a série.

BENZIMENTO PARA TIRAR MAU OLHADO

Sente em uma cadeira a pessoa que está sofrendo
deste mal e peça para que ela coloque as mãos sobre as pernas.
Depois, pegue um pote pequeno de barro, coloque água e um
punhado de sal grosso.
Pegue um galinho de arruda na mão direita, molhe-o na água e
faça o sinal da cruz na cabeça, no coração e nas pernas da pessoa.
Enquanto faz isso, diga a seguinte oração:
 $\frac{3}{4}$ dizer o nome da pessoa que tem o mau olhado ou olhos
atravessados e, depois dizer: eu te
benzo, em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

¼ eu te benzo com o Santo da segunda-feira, da Terça, da Quarta, da Quinta, da Sexta, do Sábado e Domingo. Deus tire esse mau olhado, que entre a carne e os osso tem criado.

¼ que sai dos ossos e vá para a pele e que dali saia e vá para o Rio Jordão, onde não faça mau a nenhum cristão. Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. ¾ Amém.

Faça esta benzedura por uma semana, usando sempre o mesmo galho de arruda. No final, de o galho para a pessoa levar e enterrar onde desejar.

Benzedora: Laura de Fátima Camargo- 52 anos

Pesquisadora: Valdiléia T. Angiesk e Fernanda M. França.

BENZIMENTO PARA TIRAR MAU OLHADO

Serve para tirar a raiva, a inveja, A falsidade e para evitar todos os males que a pessoa tem no corpo.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisador: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA CURAR DOENÇAS PROVOCADAS PELO SOL

Serve para tirar dor de cabeça,

pontada nas vistas e tontura que são causadas pela exposição ao sol forte.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisador: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA CURAR COBREIRO

O cobreiro é uma doença transmitida por algum vermes ou insetos que pousam na roupas ou sobre a pele da pessoa. Os médicos não curam esse tipo de doença.

A cura só acontece por meio de benzedura.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisadores: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares

BENZIMENTO PARA CURAR ZIPRA

A zipra é uma espécie de alergia da pele que deixa a pele avermelhada, provoca coceira, sensação de queimadura e calorões no corpo da pessoa alérgica.

Se a pessoa não tomar cuidado especiais de higiene e não for benzida, poderá morrer.

Benzedor: Antônio João Gomes e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA CURAR ZIPELA

A zipela é uma doença que arrebenta, embola, arde, queima e provoca coceira na pele.

Se a pessoa não procurar um benzedor, nenhum remédio poderá curá-lo.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisador: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA CURAR ASSUSTADO

A pessoa que leva um susto e fica doente, deve procurar um benzedor pois em três ou quatro dias ela poderá desenvolver hepatite. Não adianta procurar médicos, nem tomar remédios, pois estes não poderão curá-las.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisadores: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA CURAR DORES DE DENTE

A dor de dente, normalmente, é provocada pelo sangue ou pelo ar que fica no dente. Não adianta extrair o dente porque a dor não vai passar. Somente com benzimento é possível acabar com a dor.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisadores: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA ESTANCAR SANGUE

O benzimento de sangue serve para evitar hemorragias nos dentes ou outras, provocadas por algumas doenças.

Se houver hemorragia, procure logo um benzedor para benzer.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisadores: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

BENZIMENTO PARA CURAR RENDIDO

O benzimento para rendido feito é para costurar a carne por dentro, quando ocorre uma lesão.

Neste caso procurar um médico não resolve.

O melhor é ir a um benzedor.

Benzedor: Antônio João Gomes- 62 anos

Pesquisadores: Ronaldo Peixer e Fernanda Soares.

Seu Antônio João Gomes- 62 anos.

Dona Bernardina Lacerda Pezzie.

Dona Valdete Maria de Souza.

Seu Jurandir Gomes de Oliveira- 50 anos.

Dona Leonor Pinotti Cardoso-86 anos.

Pesquisadores- Alunos da 6^a série- 01

Pesquisadores- Alunos da 6^a série -02.

1ª SEMANA DO RESGATE QUILOMBOLA



A 1ª Semana do **Resgate Quilombola**, aconteceu no sítio histórico do porto de São Mateus, entre os dias de 21 a 28 de Abril de 2007, no qual teve como eixos - temáticos: Exposições, Encontro Internacional de Capoeira, Palestras, Grupos Folclóricos, Teatro, Vídeos, Música, Dança e Seminários. A Programação desta Semana do **Resgate Quilombola** se procedeu como segue:

- Abertura das Exposições no dia 21 às 19h – Sábado

Fotografias de Rogério Medeiros

Esculturas de Tião Fonseca

Acervo documental e Instrumentos de Suplício da Escravidão

Apresentação do Ticumbi de Santa Clara de Itaúnas.

20h – Exibição dos filmes “Bijus” e “Ticumbi”.

21h – Encontro Internacional de Capoeira com Roda de Capoeira e entrega do Troféu “Teodorinho Trinca Ferro”, aos Capoeiristas João Grande e João Pequeno.

Encontro Cultural com a Escola de Oleiros – Município de São José/SC

Willian de Assis Faraco
Acadêmico de História/UDESC

A Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, foi fundada em 30 de Novembro de 1992, na tentativa de recuperar, valorizar e repassar as técnicas de uma das atividades mais tradicionais e representativas da cultura catarinense encontrada no município de São José, o qual é reconhecido como a capital da louça de barro.



Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros

Salienta-se que até poucas décadas, a olaria era fonte de sustento de muitas famílias. A profissão de oleiro atravessava gerações e as técnicas eram passadas de pais para filhos.

Como muitos descendentes de oficiais oleiros relatam, que por volta dos anos 40, havia 50 olarias próximas de Florianópolis, mas com a industrialização, popularização de outros materiais e dificuldades de colocação do produto no mercado, a técnica artesanal foi praticamente substituída, restando apenas 3 fábricas que moldam a argila com a mão e produzem objetos de barro.

Como destaca a senhora Olívia Maria da Silva, da localidade de Forquilha, bairro do município de São José: “esta tradição era passada de pai para filho, de avô para os netos e assim por diante, mas era uma fonte de renda fundamental para o sustento de muitas famílias. Trabalhava-se muitas vezes em casa mesmo e se vendia o artesanato em feiras que aconteciam no município”.

Acontecia de em muitas vezes as pessoas não estarem em um dia agradável para si, e a partir disso, muitos eram os que trabalhavam com a argila e só paravam altas horas da noite.

Pode-se perceber por aquele relato colhido no dia 4 de novembro de 2007, o que muitos pesquisadores mostram-nos, como os psicólogos que estudam bem esta questão, apresenta-se sobre uma atividade cognitiva que estimula o contato direto com a matéria – prima, amenizando assim, as causas da depressão e do estress. Estes mesmo psicólogos, afirmam que além do resgate cultural, o contato direto com esta matéria (o barro), estimula o desenvolvimento cognitivo e tem funções terapêuticas.

A Escola de Oleiros de São José é mantida pela Fundação de Cultura do Município, e atende na média de 130 alunos, de crianças à idosos. O espaço físico, professores, materiais e recursos para manutenção da escola, são cedidos pela prefeitura.

E como parte de uma tradição cultural, os alunos aprendem todos os processos e técnicas tradicionais de produção da cerâmica de olaria: como modelar o barro, manusear a roda de olaria e o processo de pintura no produto final. É produzido assim, peças com finalidade utilitária (painéis, vasos, moringas) e figurativa (como as peças pintadas no folguedo popular: boi-de-mamão, danças e outros).

Esta Escola fica localizada em frente à Orionópolis, no bairro Ponta de baixo/São José. Nela se tem também, projetos sociais que visam dar oportunidades para crianças, jovens e idosos, garantindo assim a formação de ceramistas promovendo a aptidão para o manuseio da roda de olaria, a qual na década de cinquenta, constava de um tipo de barril de madeira em volta de uma árvore, que dentro se colocava a argila, no qual com a tração de um animal, se amassava a argila para depois ser modelada. Segue um exemplo de uma foto retirada em 1951 pela equipe da Comissão Catarinense de Folclore, a qual se encontra no arquivo do Ecomuseu do Ribeirão da Ilha.

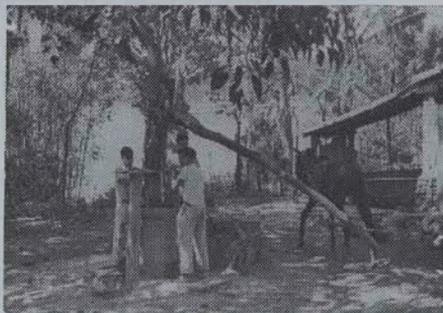


Foto: Arquivo do Ecomuseu do Ribeirão da ilha

Hoje a casa recebe 30 alunos, nas manhãs de Sexta-feira, das 09h00 as 11h00 de acordo com a diretora Tânia Nazaré. Dos alunos matriculados é cobrada apenas a taxa de R\$ 20,00 mensais para manter as despesas com tintas e material, visto que, só a ajuda da prefeitura e da Fundação não é o suficiente para um trabalho que na atualidade é pouco valorizado.



Alunos do projeto social praticam a olaria e pintura todas as sextas-feiras no período matutino.



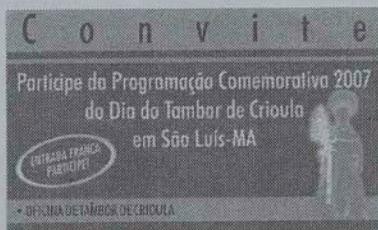
Modelo de Roda de Olaria

OBS.: A Escola oferece oficinas de iniciação cerâmica na roda de oleiros tradicionais, modelagem e cerâmica figurativa. Localizada na Rua Frederico Afonso, 5545, no Bairro Ponta de Baixo/São José - SC. Fone: (48) 3343-3487.

PROGRAMAÇÃO COMEMORATIVA 2007 DO DIA DO TAMBOR DE CRIOLA EM SÃO LUÍS – MARANHÃO

Esta comemoração aconteceu dos dias 4 a 6 de setembro de 2007, e nela foram feitas palestras, debates e mesas redondas, em que o enfoque principal foi debater sobre o Tambor de Criola. Entre as apresentações, realizou-se:

- Retrospectiva Histórica – Memória: Izabel Mota Costa
 - Pesquisa e abordagem Metodológica: Sérgio Figueiredo Ferretti
 - Musicalidade no Tambor de Criola: Joaquim Santos e Erivaldo Gomes
 - Participação do público presente
 - Política de Patrimônio Imaterial no Brasil: Kátia Santos Bogéa
 - O Registro da manifestação Cultural Tambor de Criola da Maranhão como Patrimônio Cultural Brasileiro: Rodrigo Martins Ramassote
 - Perspectivas do Tambor de Criola, Regularização dos Grupos e Representatividade: Ubaldo Martins Gomes e José de Ribamar Moraes
 - Casa do Tambor de Criola – Museu e Centro de Cultura: Adirson Veloso
 - * Coordenação de seminário – Maria Michol Pinho de Carvalho
-
- Procissão de São Benedito, pelas ruas da Madre – Deus
 - Ladainha, na Capela de São Benedito
 - Cerimônia das Mãos dos Mestres (Felipe e Gonçalo)
 - Show de Wladyr Neves e Tereza Canto
- Para finalizar Roda de Tambor (30 grupos), no local Fábrica São Luís (Rua São Pantaleão, s/n – Madre Deus).



FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA - FLORIANÓPOLIS/SC

Santo Antônio de Lisboa 309 Anos de História

Santo Antônio de Lisboa foi fundada em 11 de janeiro de 1698 e elevada à freguesia em 27 de abril de 1750. A Festa do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa se realiza, segundo a tradição, desde 1754. O Ciclo do Divino de 2007 iniciou em 16 de junho quando a Coroa, o Cetro e a Bandeira começaram a percorrer a freguesia. Novenas com ladainha em latim foram realizadas todas as noites até o dia 25 de agosto. O ano de 2007 lembra duas datas importantes em nossa freguesia.

Faz 80 anos que a Irmandade do Divino Espírito Santo, responsável pela Igreja e organizadora da Festa do Divino, foi fundada (foi em 25 de maio de 1927). Comemoramos também, em 2007, os 50 anos da criação do Serviço de Missões Culturais, entidade benemerita que funcionava num casarão na Rua Senador Mafra. Através de cursos profissionalizantes, até 1976, formou vários rapazes e moças que aprenderam profissões e artes. O seu curso de Admissão ao Ginásio encaminhou muitos jovens do distrito que foram estudar na cidade e muitos chegaram a cursar a universidade. Por isso nossa homenagem à professora Aurora Goulart, nascida em Santo Antônio em 1924, que fundou e dirigiu as Missões Culturais, inspiradas nos ideais humanistas do grande filósofo português Agostinho da Silva (1906-1994), que aqui esteve muitas vezes, e era um entusiasta da Era do Divino Espírito Santo.



PROGRAMAÇÃO DA FESTA:

18 de Agosto - Sábado

Lançamento Oficial da Festa do Divino 2007

19h30 – Lançamento dos Livros: *Caminhos do Divino*: Um olhar sobre a Festa do Espírito Santo em Santa Catarina, de Lélia Pereira da Silva Nunes e *Viver e reviver*: memórias da Ilha numa autobiografia, de Paulo Pires de Andrade.

- Abertura da exposição de arte de Elias Andrade e Carlinhos Cunha

Local: Restaurante Sobrado, R. XV de Novembro, 123
Santo Antônio de Lisboa - Fone: 3334-2403

01 de Setembro - Sábado

Evento Extra

20h00 - Divina Farinhada
Engenho de farinha em funcionamento produzindo farinha de mandioca, biju, mané-pança, cacuanga etc.

21h00 - Novena do Divino Espírito Santo com ladainha em latim

22h00 - Grupo Gente da Terra
- Durante o domingo (02/09) o engenho continuará a funcionar

Local: Casarão Engenho dos Andrade / Caminho dos Açores, 1180. Telefone: 3235-2572

05 de Setembro - Quarta-feira

Abertura da Festa

- 20h00** - Exibição do filme "Agostinho da Silva: Um pensamento vivo". Portugal, 2004. Direção: João Rodrigo Matos, 79 minutos. Alfindérga Filmes.
- 21h20** - Homenagem à professora Aurora Goulart e às dirigentes e alunos (as) das Missões Culturais
- 21h40** - Cruzido Divino / Realização: Associação dos Mamezinhos da Ilha
- 23h00** - Encerramento
- Local:** Salão Paroquial Valérico João de Souza

07 de Setembro - Sexta-feira

- 15h00** - Desfile das escolas locais: Estímarte, Joquiêlé, Marcolino José de Lima, Raul Fº, Lisboa, Maria Salomé dos Santos / Fanfara da Escola do Mar - Secres, de Educ. e Prefeitura Municipal de São José
- 15h30** - Abertura da exposição da Força Aérea Brasileira
- 16h00** - Rua de Lazer
- 19h00** - Desfile de carros de boi e Cavalaria da PMSC
- 20h00** - Dança da Jambada, do Baião, da peneira e do pau-de-fita / Grupo Folclórico Olana de Sambaqui
- 20h30** - Boi de Mamão da Associação do Bairro de Sambaqui
- 21h30** - Grupo Gente da Terra - Participação especial do Jery do Grupo Dazaratãia
- 01h30** - Encerramento
- Local:** Rua Cônego Serpa e Adro da Igreja

06 de Setembro - Quinta-feira

- 20h00** - Recepção dos juizes e mordomos ao Cortejo Imperial na Praça Roldão da Rocha Pires/ Fanfara do Colégio Albertina Maciel - PMSI
- 20h30** - Missa dos juizes e mordomos da Festa do Divino 2007 / Família Queiroz / Celebrante: Padre Pedro Carlos Daboit
- 21h30** - Abertura da Exposição "Em louvor ao Divino", de Osmarina e Paulo Villalva (Casa dos Açores Ilha de SC)
- Local:** Salão Paroquial Valérico João de Souza
- 22h00** - Fanfara da Escola Albertina Maciel - PMSI
- 23h00** - Banda Mister Joker
- 01h30** - Encerramento

08 de Setembro - Sábado

- 19h00** - Cortejo Imperial / Banda Amor à Arte
Saída de casa de Maria Flora e Amílton Pereira Machado, Rua Cônego Serpa, 213.
- 19h30** - Coroação da Imagem Secular de Nossa Senhora das Necessidades
- 20h00** - Missa Solene / Celebrante: Dom José Negri, Bispo Auxiliar de Florianópolis
- 21h30** - Queima de Fogos
- 21h40** - Banda Amor à Arte
- 22h30** - Banda Seven
- 01h30** - Encerramento

09 de Setembro - Domingo

- 09h30** - Cortejo Imperial / Banda Amor à Arte / Saída: Residência da família Imperial / Rua Florovina Ventura Marciano, 115 - Barra de Sambaqui
- 10h30** - Missa Festiva de Coroação do Rei / Associação Coral da Santíssima Trindade / Celebrante: Pe. Norberto Dabotoff
- 12h00** - Almoço Festivo / Tiro Certo da Terra e Banda Amor à Arte
- 15h30** - Teatro Infantil
- 17h30** - Cortejo Imperial / Banda Amor à Arte
Saída da casa de Maria Flora e Amílton Pereira Machado, Rua Cônego Serpa, 213
- 18h00** - Missa - Divulgação dos juizes e do Cortejo Imperial de 2008 / Grupo de Coro da Igreja de Nossa Senhora Aparecida de Iureni, Celebrante: Pe. Norberto Dabotoff
- 21h00** - Encerramento



Divinos Momentos Registrados



Festa de 60 anos da Imandade - 2007



Missões Culturais - Tinha 1963



Imperador Teófilo de Santa Pires - 1937



Imperador Hipólito Malta - 1971



Casal Imperial de 2007, Emílio e Fátima Ferreira, Casal Imperial de 607, Jair da Luz

Realização

Imandade do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Necessidades
Santo Antônio de Lisboa Florianópolis - Santa Catarina Brasil

Pároco: Padre Pedro Carlos Daboin

Vigário Paroquial: Padre Norberto Delonair

Provedor: Gabriel Vaz Pires

Casal Imperial de 2007: Jair da Luz e Maria de Fátima Lima da Luz

Ilustração da Capa: Aquatela sobre tela de Elias Andrade

Fotografias: Edson Luiz de Silva (Velho Branco) e Jélio

Textos: Sérgio Luiz Ferreira

Comissão Organizadora

André Agenor Felipe

Dejair Lima

Gabriel Vaz Pires

Gisele Neves de Azevedo

Jair da Luz

João Carlos de Azevedo

Manoel Hercílio Marciano

Maria Bernadete de Campos Pires

Maria de Fátima Lima da Luz

Raul Parte de Azevedo

Reinaldo Pires

Roldão Vaz Pires

Sérgio Luiz Ferreira

Sérgio Roberto Bertoldo



Recordando

A partir desta edição, o Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, começa a incluir em suas publicações uma retrospectiva sobre o Pão-por-Deus de edições anteriores.

Neste primeiro artigo, começamos a apresentar uma publicação de Dezembro de 1975, o qual na sua edição de nº 29 apresenta-se em sua página nº 51, uma reportagem do jornal Folha da Tarde de São Paulo, em que Laura Della Mônica apresenta um artigo sobre tal tema, no qual consta:

“Santa Catarina recebeu dos portugueses este fato folclórico que se encontra desde São Francisco do Sul até Araranguá”. Tradição dos açorianos que remonta ao século XVIII.

Pedidos em forma de verso como oração em papel recortada. Podem ter desenhos e enfeites interessantes. Uma espécie de carta – envelope. Pode ainda, se apresentar em dobradura especial, tendo no seu interior as quadrinhas. Os desenhos ilustram, e auxiliam, muitas vezes, a interpretação do pedido. Assim, encontramos um Pão-por-Deus totalmente recortado e dobrado que ao ser desdobrado vão as quadrinhas indicando o que se deve fazer. Pega esta chave! Com tua mão abre com ela/ meu coração./ O coração vai saudoso/ saudar uma senhora./ Abre que hás de ver/ retratada uma vida./ Sereia canta ansiosa./ Vem uma jovem no salão/ para pedir Pão-por-Deus/ que retrata um coração.

Esse tipo de comunicação é enviado na primavera até novembro, mas pode se prolongar até dezembro e dar uma espichadinha até fevereiro. Interessante é a informação de Walter Piazza: “A época de distribuição dos Pão-por-Deus na primavera, coincide com a flor do ipê, o que dá motivos, em Araranguá, que digam, ao verem a árvore florida”: Lá vai meu coração/ Já que eu não possa ir/ vai levar lembranças minhas/ Pão-por-Deus vai lhe pedir/. Lá vai meu coração/ na asa de um avião/ vai pedindo Pão-por-Deus/ nem que fosse um pão/. Lá vai este bilhete/ na asa de uma andorinha/ mandando pedir Pão-por-Deus/ Para minha querida madrinha/. Há outras quadras assim: És o mimo do Brasil/ és o amparo da flor/ mandai-me o Pão-por-Deus/ prenda de tanto valor!

São inúmeras as quadrinhas recolhidas e também os recortes e dobraduras que encerram frases simples e queridas ou mesmo humorísticas.

Além de Piazza, estudaram o fato folclórico Pão-por-Deus, Henrique Foste, Osvaldo Cabral, Francisco Carreiro Costa e Doralécio Soares. Este último no seu trabalho “Aspectos do Folclore

Catarinense” lastima que essa tradição esteja desaparecendo. De Joinville recebemos: Aqui vai meu coração/ pedindo o teu socorro/ Se me deres o Pão-por-Deus/ desta vez meu coração/ neste papel recortado/ vai pedir o Pão-por-Deus/ a quem é do meu agrado/.

Quem recebe o Pão-por-Deus fica na obrigação de retribuir o presente. No município de Biguaçu os presentes podiam ser bolos de trigo em forma de coração e a quadrinha como enfeite. Ninguém pode fugir da responsabilidade de retribuir sob a pena do Divino castigo.

Neste final envio a você um Pão-por-Deus: o prazo já está chegado/ o tempo já está vencido/ quero fazer lembrar/ um Pão-por-Deus esquecido/.

Em uma outra publicação de 1995/ ano XXXI/ n 47, Dauro Stazak escreveu um artigo sobre o Pão-por-Deus, o qual diz o seguinte:

O Pão-por-Deus representa um dos hábitos mais delicados do passado Francisquense, tão cheio de mil outros encantos na sua deliciosa simplicidade.

Que é Pão-por-Deus?

É um coração ou outra figura feito de papel cetinoso e de cor, de preferência azul, vermelho ou amarelo, tendo comumente quatro faces que se justapõem com a parte branca do lado de dentro e uma pequena franja rendilhada.

O coração obriga a um presente de 1 de novembro em diante, e esse presente tem o nome de Pão-por-Deus.

É em quadrinhas afetuosas, escritas na face interna, que se pede a dádiva, não pelo prazer material de ganhá-la, porém pela satisfação de ter uma lembrança da pessoa a quem se quer bem.

Os versos são meigos e escritos em letra caprichada, miúda e redonda.

E os versos dizem:

Lá vai o meu coração
Retratando em uma flor,
Vai pedir o Pão-por-Deus
A quem tanto tenho amor

Brilha o Sol e brilha a Lua
Brilham os lindos olhos teus,
Brilhante serás em tudo
Se mandares Pão-por-Deus

Um outro apaixonado põe o seu amor acima de tudo:

Os justos pedem os santos,
Os santos pedem a Deus,
Eu só peço ao meu amor

Governo o Rei o seu povo,
Aos escravos o senhor,
A min somente governa

Que mande o Pão-por-Deus. O meu lindo e meigo amor.

Aparece também algum coração pilhérico:

Quem tem cabras, tem cabritos, Se muito pode o destino
Quem tem porcos, tem presuntos, Aos menos pude quem quer,
Mande-me o Pão-por-Deus Deixa o teu marido agora
Por alma dos seus defuntos. E vem a minha mulher.

O coração que lá se vai atrás do Pão-por-Deus é, em geral, um emissário discretamente apaixonado do coração, que ficou no peito a tremer de amor e, muitas vezes, o Pão-por-Deus é a capela enfeitada do bairro, ou até mesmo a nossa Igreja Matriz, um bando alegre de convidados e o padre muito sério a dizer: “Com o favor de Deus querem se casar...”. E os Pães-por-Deus continuam a cruzar-se, perpetuando a tocante singeleza da nossa querida São Francisco do Sul.

Com o advento da FESTILHA (Festas das Tradições da Ilha), procuramos resgatar o hábito das trocas do Pão-por-Deus, que o tempo e a modernidade tentaram apagar da mente do pacato e acolhedor povo Francisquense... .

Este artigo é de São Francisco do Sul/SC, intitulado o Pão-por-Deus, cujo autor é Dauro Stazak, o qual teve a colaboração da Professora Sônia Maria Copp.

Ainda sim, tem-se uma manifestação do ilustre historiador açoriano Francisco Carreiro da Costa. O professor Francisco Carreiro da Costa foi o maior historiador dos Açores, do início do século XX e um dos fundadores da universidade dos Açores. Faleceu na ilha de São Miguel em 1972. O **boletim trimestral** da sub-comissão Catarinense de Folclore (I. B. C. C.) publicado no seu n.2, relativo a Dezembro de 1949, no Arquipélago dos Açores, levam-nos á conclusão de que há realmente uma manifesta identidade entre os costumes açorianos e catarinenses, além de que muitos desses costumes servidos por fatores locais semelhantes. Assim, a leitura do citado número do referido **Boletim Trimestral** sugere-nos os seguintes comentários:

A) **A PESCA COM O BOTO**, por **João dos Santos Areão**.

É pezar que esta notícia, aliás, muito interessante, não contenha a designação científica do boto para melhor identificarmos este animal marinho com o que se dá n mar dos Açores e que tem mesmo nome.

Será o **Phocaena** ou o **Delphinus delphis**? Ambos são cetáceos, mas os açorianos chamam boto, tanto ao primeiro (que é realmente um boto) como a segunda que é, afinal á toninha.

Segundo alguns autores são uma e a mesma coisa-o que não se nos afigura certo.

No **Elucidário Madeirense**, de Fernando A. da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, escreve se a pág. 166 do vol. I. (Funchal 2ª ed., 1940) o seguinte:

“Boto (Phocaena communis).” Cetáceos dos mares da Madeira.

Quando nova chamada toninha, designação que também é dada a outro cetáceo, o **Delphinus delphis**. É talvez uma confusão, porque, segundo Eduardo C. U. Pereira, no vol. I, das suas **Ilhas de Zargo** (pág. 406) “na Madeira e Porto Santo os menores cetáceos, sem distinção são chamados botos...”, acrescentando depois o seguinte:

“o Golfinho. – (Phocaenas Delphis. L.) só nos visita de passagem.”

“A Tanlnha. – (Phoceana communis, Less.). Também aparece nos nossos mares (da Madeira) e é tão simpática e familiar aos pescadores que estes não lhe fazem mal. Não a pescam, porque, presa uma, juntam-se as demais a defendê-la aos saltos e aos gemidos os que lhe causa dó. Entreter-se quando as encontram a assobiar-lhes a cuja chamada elas acorrem e escoltam a embarcação para onde for. Do fato de Ter este peixe a cauda horizontal em vez de vertical, criaram os pescadores uma lenda explicando o fenômeno um castigo de Deus para a toninha não correr mais do que o sol. Por consequência pergunta-se o boto da Laguna do sul do Estado de Santa Catarina não será a toninha, da Madeira? Por outro, e com relação aos Açores há que acentuar o seguinte: já no século XVI foi assinalada no mar deste último arquipélago a presença de botos. Assim segundo Fructoso (Saudades da terra L. IV, CAP. 64.), antigamente, em São Miguel, sairá “á costa um peixe feição de baleia, tão grande como meio baleote que chamam de boto”. A respeito desta designação escreveu o naturalista micalense Pe. Ernesto Ferreira (+ 1942): “ainda hoje se dá, nos Açores, ás definidas **Phocaena Communis Cuv**”. Este nome com que também é costume designar os pequenos cetáceos, quando se não sabe diferencia-los, assim como indistintamente se chama de baleia os grandes “botos” no Brasil é igualmente nome generalizado para significar algumas espécies da família dos “Delfinideos”. (**Gigantes dos mares dos Açores**, in “Açoreana”-Bol. Da Soc. Afonso Chaves-Angra, 1935, vol. I pág. 75).

Este mesmo naturalista escreveu mais adiante, no seu citado estudo

(Açoriana vol. cit. Pág. 77 e 78): "**Delphinus delphis**", L. É o golfinho dos antigos, das literaturas clássicas. Os franceses chamam-lhe **dauphia**, os ingleses **dolphin** e os açorianos, **toninha**. O seu comprimento é de 2 á 2 metros e meio. A **toninha** tem um filho, raramente dois: quando nasce traz alguns cabelos, 5 a 7 de cada lado, formando o bigode. Vive em todos os oceanos e alimenta-se de peixes e de cefalópodes. Muito freqüente no Mediterrâneo e nas águas temperadas do Atlântico, é o cetáceo mais abundante nos Açores, onde se encontra em bandos, como acontece com outros cetáceos. Às vezes segue os navios. Salta fora da água fazendo grandiosas evoluções.

"Phocaena Communis, Cuv".

Os franceses chamam-lhe **marsoulu**, os ingleses **porpoise** e os açorianos, **boto**.

É o menor dos cetáceos, pois mede apenas entre 1,5m. e 1,80m. conhece-se pela forma arredondada da cabeça, descendo a fronte em suave decive e pela sua cor escura por cima e branca por baixo. Quando nasce, traz 2 a 4 cabelos ... "É muito voraz e andam em numerosos ranchos perseguindo os peixes pequenos e às vezes os grandes como as albacoras". Estas mesmas características são apontadas também por Acúrcio Garcia Ramos no seu livro "**Notícia do Arquipélago dos Açores...**", Lisboa, 1871, pág. 178. Pergunta-se, pois, ainda: o **boto** da Laguna do Sul do Estado de Santa Catarina será a **toninha** dos Açores, com toda a sua docilidade ou, simplesmente o **boto** que no mesmo arquipélago também é visto e passa por ser muito voraz?

O citado Acúrcio Garcia Ramos, escreve na sua referencia obra, acerca da **toninha**; "vive em grandes ranchos e persegue às vezes com tanta avidéz os peixes pequenos que, se estes se refugiam numa praia para escapar ao inimigo, as toninhas encalham e ficam presas." A toninha - **delphinus delphis** - é colhida nos Açores no verão, constituindo, a sua carne, um prato muito apreciado pelas populações rurais. A sua carne tem muito sangue e é escura: usam para comê-la em bifés, fritas, com molho de vinha-d'alhos, ou, mais freqüentemente, guisada com cebola verde e rama, também verde, de alho bravo.

A notícia do Sr. João dos Santos Areão é, como dissemos, muito interessante, mas o seu trabalho ficara completo se fosse levada a cabo uma memória o mais pormenorizada possível das alfaias marítimas (incluindo os tipos de barcos, velames, etc.) empregadas na pesca do litoral catarinense. Essa memória acompanhada de desenhos representando todas as alfaias usadas e acrescida com os nomes de

todos os mares, marcas, pesqueiros, ou bancos, dar-vos-ia valiosos elementos para compararmos com alguns estudos que já feitos nos Açores a esse respeito: por Gabriel de Almeida, Luís Ribeiro, Luís Bernardo Leite de Ataíde, Frederico Lopes Junior e pelo signatário do presente comentário.

B) **Sobre Folclore joinvilense, por Plácido Gomes.**

É uma notícia igualmente cheia de interesse.

Realmente ao pão-por-Deus, referir-me-ei mais adiante, quando comentar o artigo do Sr. Oswaldo Cabral.

Sobre as restantes notas, pouco há que comentar, pois as tradições relativas ao Natal que o autor cita pouco ou nada tem de açoriano e as referentes á páscoa afiguram-se-me com reminiscências alemãs. Só as relacionadas com as festas do Espírito Santo se deixam entrever de certo modo idêntico ás dos Açores. A) **AS VERRUGAS NO FOLCLORE CATARINENSE**, por Walter F. Piazza. Em São Miguel, dizem-se verrugas e verrumas e nunca berrugas. O caso do V por b é freqüente na língua portuguesa havendo nos Açores casos dessa substituição como basoura por vassoura e Bagé por vagem. Nos Açores há também a crença de que as verrumas crescem sempre que se contam estrelas. (A. Carreiro de Costa, O tempo na Linguagem Popular micalense, in "Açoriana", vol. III, 1945, pág. 256.)

Em São Miguel curam-se as verrumas por vários modos:

a) Esfrega-se a verruma com casca de banana (figo de banana diz o povo). É método, no entanto pouco eficaz.

b) Há também quem as cure com calda de sulfato de cobre, do mesmo sulfato com que polvilham as culturas.

c) Aplicando sobre a excrescência goma de espadana. A espadana é cultura muito divulgada nos Açores. Há também quem lhe chame linho, amassadeira, atadeira, tábua.

d) Aplicando sobre a verruga um pequeno talo da erva das verrugas – papaverácea espontânea muito freqüente nos Açores.

e) Aplicando também sobre a verruga, por três vezes, leite de figo preto. Logo que se termine esta aplicação, será bom por o figo, donde se tirou o leite, dependurado na chaminé, ao fumo. Quando o figo estiver seco, a verruga cai de seca, também. Dizem porem que o leite do figo preto é tão eficaz que a verruga cai mesmo antes do figo secar.

Notasse em São Miguel também chamam as verrugas-cravos.

C) **VOCABULÁRIO REGIONAL CATARINENSE** (ilha e litoral).

Recolhido por **Demóstenes Veiga**.

Esta contribuição para o Léxico é muito interessante e representa quanto a nós, o princípio de um trabalho que deveria ser feito o mais extensamente e profundamente possível. Nós escolhemos de alguns milhares de fichas. (veja-se o “boletim da C. R. C. A. A.” do n.3 a 9). Das fichas que estão possuíamos já, retiramos algumas em São Miguel, já vimos trabalhando há anos nas centenas delas e com as mesmas elaboramos o trabalho intitulado “Terminologia Agrícola Micaelense” inserida nos citados volumes daquela publicação. Com base nas nossas colheitas, cumpre-mos formular as seguintes informações em relação aos elementos de Demóstenes Veiga:

- andação, também se usa em São Miguel, para significar epidemia tanto nos homens como nos animais.

Há também quem empregue com o mesmo sentido a expressão moda- “anda aí, agora, uma moda de tosses...”. É também usada na I. Terceira (linguagem popular da Ilha Terceira, in Açoriano, vol. I, 1934, pág. 12.).

Juntar, também usado em S. Miguel para significar o acto de apanhar um objeto e não no sentido de recolher vários deles.

Pisar, igualmente empregada em S. Miguel onde não fazem qualquer distinção entre **magoar** (com as mãos) e **pisar** (com os pés). Em S. Miguel dar uma dentada, um empurrão, um aperto com as mãos, um beliscão, etc., é sempre **pisar**.

Pau de cabeleira, também usada em S. Miguel.

Murcília, em S. Miguel, o chouriço feito de sangue de porco, gordura deste e cebola verde ou de toca, tem o nome de **morcela** e, algumas localidades, de **morcilha**. A **morcela** faz-se com as tripas do próprio porco de cujo sangue se prepara o respectivo recheio. Uma criança que haja nascido muito trigueirinha diz-se por graça que ao nascer foi lavada em água de marcela. **Pinchar-saltar**, fazer um **pincho** é saltar. Em S. Miguel, atirar um objeto para longe se diz **aboar** e **aboiar**.

Parecido, também em S. Miguel se diz “uma pessoa bem parecida”, como que a significar de bom aspecto.

Em riba, em S. Miguel ainda usam muito este arcaísmo-**em riba**, **por riba**, **de riba**, **arriba**, etc. Os micaelenses, porém não pronunciam **em riba**, mas sim **im-riba**. Usado também na I. Terceira (L. Ribeiro, pág. 18.).

Descontra-a-vontade, freqüente em S. Miguel, como de resto muitas outras expressões em que opõem o prefixo **des** para reforçar a negativa. Ex: Descontrafeito.

Destroca, idem.

Desinfeliz, idem.

Famulinhas, não é usado em S. Miguel. Nesta ilha é freqüente, todavia a expressão família para significar filhos. De um diálogo-fulano já casou há muito tempo!... E já tem **família**? Em algumas localidades o termo obrigação quer significar filhos: Como vai o compadre? E a obrigação?

Correr com os passos, em S. Miguel diz-se **correr os passos** o que por extensão significa também **correr as tabernas** ou as casas conhecidas. Em S. Miguel diz-se também **correr a via-sacra**.

Pitafo, pitáfio, em S. Miguel diz-se **pitafe**, pronunciando o t um tanto molhando em que a língua, para articulá-lo, bate lentamente nos alvéolos.

É uma particularidade muito característica da linguagem popular micaelense. (V. brasileirismo, Prof. Manuel Paiva B.).

Pitafe, em S. Miguel significa defeito, nódoa na reputação. Usado também na Ilha Terceira.

Desarrisca, também o mesmo que riscar.

D) PELOS MUNICÍPIOS CATARINENSES -II- credices e superstições.

De um modo geral as credices e superstições recolhidas no município de Concórdia são idênticas as que se notam nos Açores.

a) as palmas dos Ramos, bentas, que se queimam para afugentas as tempestades.

b) as queimas de velas bentas.

c) as ferraduras encontrados e pregados por de traz das portas

d) igualmente, mas apenas lugares, a colosao de ossadas de cabeça com os respectivos chifres.

Quanto ao recolhido em **Araquari**, há também credices idênticas nos Açores. É matéria que daria para encher um livro, tudo quando se conhece já a tal respeito. A doença da **espinhela caída** é freqüentíssima e sua cura faz-se com rezas apropriadas.

A interpretação dos sonhos é igualmente matéria para vasto capítulo de superstições. Nos Açores é matéria largamente tratada já por Luís Ribeiro, e em parte por mim, numa palestra feita no Emissor Regional dos Açores.

E) A RESPEITO DOS CORAÇÕES E DOS “PÃO POR DEUS”
por **Oswaldo R. Cabral**.

Está bem elaborado o documento artigo revela-nos a união de duas tradições açorianas dos papéis recortados e a do **pão por Deus**, propriamente dito.

Depreende-se do artigo que, no Estado de Santa Catarina costumam recortar no papel graciosos corações e que nesses mesmos corações inscrevem-se depois quadras em que o remetente solicita uma pequena dádiva.

Vamos por parte:

Em S. Miguel o papel recortado não está ligado ao **pão por Deus** nem tão pouco aparece até agora ao serviço deste. O papel recortado á tesoura ou á navalha-o mais freqüente é á tesoura – é, em S. Miguel, uma manifestação artística que remonta o século XVII, sendo uma criação freirática que alcançou o seu apogeu no século seguinte.

Conhecemos exemplares lindíssimos, inigualáveis de perfeição, finíssimos nas suas rendas, verdadeiras filigranas de papel.

Com as extinções das ordens religiosas em 1834 esta arte sofreu um duro golpe, porem, “lapidificada ganhou em ingenuidade e pureza simples, mas perdeu por vezes em delicadeza e sutileza” (Emanuel Ribeiro, **A Arte do Papel Recortado em Portugal**, Coimbra, 1933, pág. 9.). Em S. Miguel, como nas principais terras dos contentes Português, ainda persiste, posto que circunscrita a uma dúzia ou pouco mais de velhas senhoras, essa arte de recortado, traduzia em rendas para cobertas e camas de doces, cobertas de mesa, papéis para prateleiras, mosqueiros, arandelas, etc. **Arandela para castiçais.**

Mas aonde a arte do papel recortado chega a ser verdadeiramente preciosas é nas chamadas marcas de livros de orações que vem do tempo das freiras. Essas marcas de livros, de que conhecemos alguns exemplares, traduziram-se em pequenas pesas que raramente excedam 12 cm. Representavam cálices com hóstias, custódia, pombinhas adejando, corações ardentes, etc. As freiras, ao tempo, recortavam em papel branco e de cores essas pequenas preciosidades e ofereciam-nas ás pessoas amigas, parentes ou simplesmente esmoleres do convento em que estavam recolhidas. Pergunta-se agora: os **corações** de Santa Catarina em forma laicizada dos corações- marcas de livros- que as freiras açorianas recortavam para ofertar aos seus amigos, parentes e protetores? Ainda hoje, em S. Miguel o peditório do **pão- por- Deus** com versinhos em papel é trazido arraigado, mas circunscritas aos distribuidores dos jornais que todos os anos, pelos Santos, solicitam uma dádiva aos seus fregueses e assinantes.

Os rapazitos dos jornais compõem algumas quadras e quintilhas todos os anos por aquela época e imprimem-nas em pedaços de papel que

depois vão deixando pelas várias casas, com o sentido de recolher a esmola no dia seguinte. Alguns desses **pão-por-Deus** se remetem com o presente comentário. Num trabalho que escrevi em 1945 - **Bonecos de Massa** - deixam registrado o seguinte: “No dia de todos os santos e no dia de Almas, respectivamente dias 1 e 2 de novembro, costumam ainda pedir na nossa terra o (pão-por-Deus)”. “Esta dádiva, que hoje se materializa por qualquer forma, deve ser uma reminiscência da oferta de bolos de massa com figuras de homens e de animais”. “Segundo o Professor Leite de Vasconcelos nos seus **Ensaio Etnográfico**, comem-se na beira no dia de Todos os Santos, uns pães estreitos e compridos, de trigo, chamados **santoros** (do latim sanctorum) e que são, em sua opinião daqueles ilustres etnográfico, figuras antropomórficas e zoomórficas estilizadas.”

No mesmo ano de 1945, ao falar do **culto dos santos** escrevi o seguinte: “O espírito da caridade aliado ao culto dos mortos, revelava-se outrora nas chamadas **esmolas perdidas**, como hoje no conhecido **pão-por-Deus**. “As esmolas perdidas eram uma forma de sufragar as almas e consistia em colocar uma esmola fora de casa: umas vezes no peitoril da janela inteiramente fechada para se não saber quem a leva: outras nas banquetas dos caminhos ou então junto das **alminhas** que tinham para esse efeito uma pequena copeira.“...O pão por Deus... é, presentemente. Nos Açores, uma demonstração de caridade crista versando o sufrágio das almas. “Segundo afirma certo historiador micaelense (Pe. João José Tavares, in **A Vila e o seu Conselho**, P. Delgada, 1944), até ao ano de 1872, na vila da Lagoa, por exemplo, os pedintes, nos dias mais próximos dos finados, dirigiam-se às casas abastada e ai cantava: “Pão-por-Deus, pelo amor de Deus;

Para repartir pelos fiéis de Deus;

Deita a tua na Saquinha;

Seja tudo pelo amor de Deus.”

“A esmola do **pão-por-Deus** é hoje freqüentíssima nos Açores e invocada nesses dias”... Onde os distribuidores dos jornais e os encravos a pedem diligência.

“Em certas freguesias rurais micaelenses os garotos da rua, julgando-se com direito a tal esmola, pedem-na entoando a seguinte cantilena”:

“Daí pão-por-Deus

que vos deu Deus

Para repartir

Com os fiéis de Deus
Pelos defuntos
de vocemes”.

“Caso não sejam atendidos, cantam esta em frente da casa:

Tranca-me dais?

Fujo para a rua!

E seja tudo

Pelo amor de Deus!”

Isto escrevi eu em 1945.

Em novembro do ano findo, o jornalista micaelense J. Silva Júnior, em férias nortenha dos finais d’ajuda registro também o seguinte apontamento que recorro do **“Diário dos Açores”**, n. 21, 289, de 4 novembro 1949:

Lindo dia para **todos os santos!** Estão cheios os pudins de milho e por aqui por ali ainda há tabuleiros de castanha a secar. Pois foi nesta manha lavada e encharcada de soleira, que vi uma usança nova para mim, e que poucas linhas se conta.

Um barulhento grupo de rapazes zaragateava ao portão do pateio.

Cantavam “uma lenga lenga que depois me traduziram assim”:

Pão por Deus

que louva a Deus

Para repartir

Com os fiéis de Deus

Se não tendes que me Dar

Seja tudo pelo amor de Deus.

E a verdade é que só se foram quando despejaram um tabuleiro de nacos de pão, para irem repetir a “cantiga” no prédio fronteiro. Soube também que quando a porta a que batem embora abastadas, se não lhes abre, completam a cantoria com estes dois versos:

E se deles não quereis dar tranca no corpo a Vocemeces.

A palavra corpo é quase sempre substituída pela do sítio onde entendem que a tranca deve cair... “Eis quando de momento se me oferece dizer a respeito do N 2 do Boletim Trimestral da subcomissão Catarinense de Folclore-comentário feito praticamente sobre o joelho e que, por tanto não tem a pretensão de ser coisa completa”. “Quem dá o que tem...”.

Ponta Delgada, 2/ 4/50.

Além destas publicações de edições anteriores do Boletim, pode ser destacado também um trabalho do Professor Nereu do Vale Pereira, o qual traz como título: O Pão-por-Deus Folclore Sentimental

da Ilha de Santa Catarina, publicado em Florianópolis/SC no ano de 2003. Segue um trecho de tal produção:

“O Pão-por-Deus, entre nós, e isso por experiência pessoal nossa, é uma expressão de pedido, de dádiva, enfim uma correspondência sentimental ou amorosa”.

A pessoa que recebe o Pão-por-Deus fica obrigada a cumprir o pedido que, se especialmente for um presente material, deve ser remetido acompanhado com um bolo confeccionado em forma de coração. Na maioria dos casos a pessoa agraciada também, até o Natal, está na obrigação de mandar um mesmo bolo à pessoa que o atendeu.

Exemplificando nossa argumentação registramos três exemplos colhidos no Ribeirão da Ilha, Distrito de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, terceiro quartel do Século XX.

Neles o poético, o belo, o peditório, a declaração de amor, a amizade, o sentimental reafirmam a objetividade dessas funções dedicatórias, declaratórias,... Enfim o sentimento se expressa artisticamente.

São, os três *Corações*, exemplares distribuídos com efeitos diferentes e em datas e missivistas também diferentes.

As cartas mais sentimentais sempre são compostas com versos escritos em papéis cromados, ou de boa qualidade disponível, multicoloridos e com recortes delicados e artísticos.

Assim são montados os *Corações*, ou “*Pão-por-Deus*”.

Em tempos presentes, início do Século XXI, nas papelarias ou casas comerciais especializadas, as ofertas de formas sentimentais de correspondência são de variadíssimas formas e composições, já contando com as mensagens devidamente escritas, mercantilizando as formas folclóricas e tradicionais, não mais, porém com o nome popular. São mensagens as mais diversas, que são colocadas a disposição do público consumidor que, por isso, não necessita mais recorrer a formas trabalhadas em artesanato.

Mas veja-se um verso composto em forma de narrativas:

“O meu nome é Caetana
Que na pia foi botado
Por sobrenome Dias
Que de meu Pai foi Herdado”

E logo vai se desculpando, pois embora tenha sido professora primária em sua juventude, esta agora de frente com alguém graduado.

“Acabando de ler os verços

Peço para desculpar
A pécima caligrafia
Os erros que encontrar”

“Com 97 anos de idade
Pouco posso enxergar
Com a mão direita alejada
Custa a caneta pegar”

Dentre muitas coisas, nessa rica página de literatura, de prosa, de versos, de poético e de prático sentido de vida, ela ainda anota outras comunicações importantes como, por exemplo: que o mês de outubro (geralmente o mês de outubro é o de dias mais belos da Ilha de Santa Catarina, particularmente as duas últimas semanas) é a época “que se dá coração”.

Ela não diz que se pede alguma coisa, mas sim que se dá amor, carinho, atenção e afeto, e, mais, “Os velhos devem ser perdoados”.

No outro lado do coração ela expressa a finalidade, a funcionalidade, a missiva.

“Lá vai meu coração
Visitar o meu compadre
Vai pedir um pão por deus
Com licença da comadre”.

“Comadre não se aborreça
Quando o Coração chegar
Se acha que lhe ofendo
Peço para desculpar”.

Também apresenta exemplos de coração que em sua juventude eram utilizados por namorados:

“Lá vai meu coração
Pelos ares avoando
Se não ganhar pão por deus
Vai rindo volta chorando”.

Se hoje estes versos dizem pouco, talvez seja porque a urbanização e as idéias materialistas junto à massificação tenham “descolorido” à vida dos jovens!

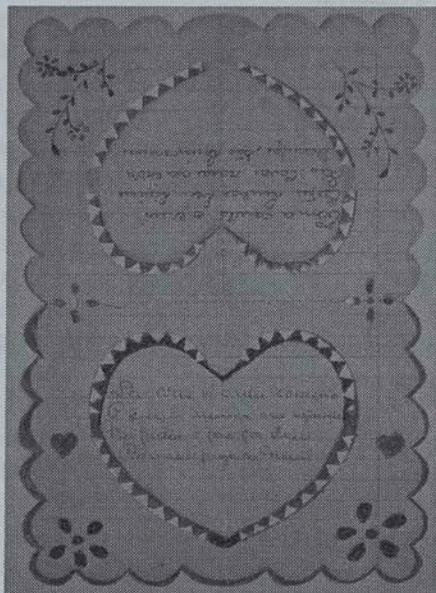
E, continuam os versos de Dona Caetana:

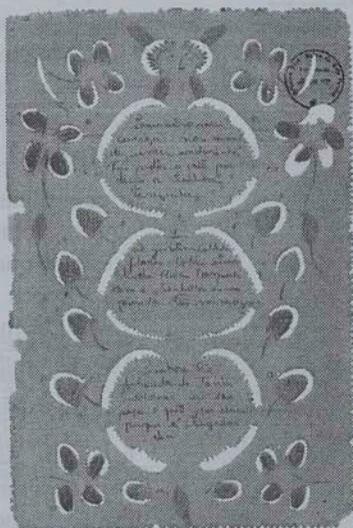
“És bonita, és simpática
És de todos cobiçada
Manda-me o pão por deus
Linda flor tão delicada”

“O verde é esperança
Cor de rosa alegria
Mando pedir pão por deus
A quem tem tanta valia”

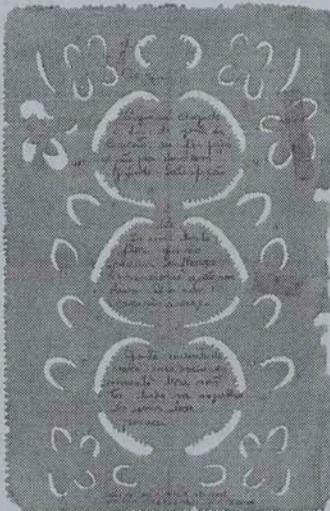
“Nas costas do coração
Vai o meu nome escrito
Espero receber
Pão por deus bem bonito”.

Segue alguns exemplos de pão-por-deus, colhidos no Ribeirão da Ilha pelo Professor Nereu do Vale Pereira.





Folha de frente deste cortiço



A outra face deste cortiço

Como registrou no início do seu artigo, o Professor Nereu do Vale Pereira coloca que o Pão-por-Deus tem por finalidade dar vazão ao sentimentalismo; é o folclore do sentimental, do amoroso, do dádivo, e porque não dizer da caridade fraterna.

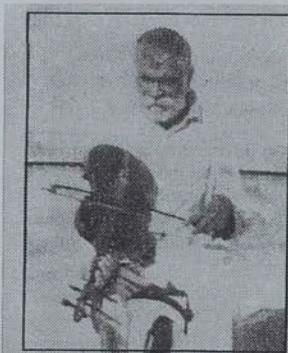
Com estes três exemplos de Pão-por-Deus, já destacados em três publicações diferentes, pode-se deixar em questão, esta indagação: por muito que seja a diferença desta literatura sentimental em algumas expressões, pode-se perceber que em três municípios diferentes ela apresenta detalhes de produção e de expressão bastante semelhantes.

E como nos diz Nereu do Vale Pereira:

Com a pesquisa colhi
Estas amostras ligeiras
“São coisas raras da vida.
Desculpe são brincadeiras”. (muito séria!)

RABECAS

Roberto Emerson Câmara Benjamin²



Cego Sinfônio, cantoto, como se observa na foto, empunha sua rabeca com voluta voltada para baixo.

*Nas baíticas mais nojentas
onde a gente mal se vê
já s'escuta a rabequinha,
já se sabe o balancê.*

Pe. Lopes Gama (1842)

Pereira da Costa, F.A.

Folclore pernambucano, p. 225.

Instrumento musical de procedência européia, a rabeca é muito popular no Brasil, e atesta a quadra d'O Carapu (Pe. Lopes Gama), publicada em 1842. Câmara Cascudo registra a rabeca como uma espécie de violino, de timbre mais baixo com quatro cordas de metal afinadas por quintas (sol, mi), friccionadas com um arco de crina untado no breu. C

outros autores, considera a sua sonoridade roufenha e melancólica, estridente nos agudos.

Luiz Heitor, mais preciso como musicólogo, analisando o instrumento do cantador José^a de Souza diz: “de manufatura popular, volumosa e pesada, podendo ser transportada a tiracolo, assemelhava-se mais a uma viola (viola de arco “alto”) do que a um violino. Tinha cordas de metal, tomadas de empréstimo à viola sertaneja (duas brancas e dois bordões) e se achava afinada entre a viola de arco e o violino”.

Dulce Lamas chama atenção para o arco, que é em curvatura, responsável pela sonoridade específica em virtude de friccionar, sempre, mais de uma corda.

A palavra **rabeca** é de etimologia árabe, em cuja cultura, provavelmente, também se originou o instrumento.

Registros iconográficos da Idade Média e do Renascimento, tais como iluminuras, retábulos e esculturas, apresentam anjos-músicos e retratam trovadores executando instrumentos assemelhados à rabeca em uso no Nordeste.

É interessante observar que a postura de execução do instrumento permanece a mesma da iconografia medieval entre

² Professor associado do Curso de Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Presidente da Comissão Pernambucana de Folclore.

músicos populares, diferenciada da postura dos músicos eruditos que tocam o violino: o músico popular apóia o instrumento na “caixa dos peitos” com a voluta voltada para baixo; o músico erudito apóia o instrumento no ombro/pescoço.

*Outro velho, bem velho
E careca,
Irá na frente,
Tocando rabeça*³.

Na seção *cancioneiro* (*Folklore pernambucano*, p. 418) Pereira da Costa registra uma referência à rabeça no poema anônimo **O meu enterro**, bem ao estilo da poesia picaresca de Gregório de Matos Guerra. A rabeça integra uma pequena orquestra que deveria acompanhar o enterro, valendo como documento de época de costume então praticado no Recife.

Tais registros demonstram o uso generalizado da rabeça como instrumento musical, tanto nas ocasiões festivas, para danças como a quadrilha, folguedos como o bumba-meu-boi, o mamulengo e o fandango, assim como para ocasiões de caráter solene como os enterros e outros atos de natureza religiosa.

Esta minha rabequinha

*É meus pés e minhas mão;
Minha foice e meu machado,
É meu milho e meu feijão.
É minha planta de fumo,
Minha safra de algodão.*⁴

Foram os cantadores populares nordestinos, porém, que consagraram a rabeça, em suas apresentações e pelejas. O documentário escrito relativo aos cantadores registra numerosos versos referentes à rabeça, alguns dos quais apresentando tratamento carinhoso de “minha rabequinha”. Câmara Cascudo⁵ registra que os velhos cantadores guardavam a tradição das rabeças, afirmando que: “Fabião das Queimadas nunca tocou viola. Usava a rabequinha fanhosa, áspera e primitiva. Assim ouvi seus romances de apartação,

³ Pereira da Costa, F. A. *Folklore pernambucano*.

⁴ Cego Sinfônio (in MOTA, Leonardo. *Cantadores – poesia e linguagem do sertão cearense*. Rio de Janeiro: Castilho, 1921, p.16)

⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. V.2. Rio de Janeiro: INI, 1961, ed. 2, p.645.

as lendas das vacas e bois invencidos nas derrubadas, os versos satíricos, cantados na solfa do *redondo sinhá*".

O documentário fotográfico, disperso, relativo a apresentações de cantadores consagrados, como o Cego Aderaldo, e de congressos e outros eventos de natureza coletiva, além de fotografias de pesquisa, atestam que até o final dos anos cinquenta a rabeça estava presente em pé de igualdade com a viola, como instrumento de acompanhamento dos cantadores.

*Ela afinou a viola
E tocou um longo baião,
Num toque tão animado,
Encheu de música o salão.
Eu senti minha rabequinha
Perder a entonação.⁶*

A sonoridade "roufenha e melancólica" da rabeça não resistiu à competição com o toque "tão animado" da viola sertaneja. Pouco a pouco os jovens cantadores foram optando pelo dedilhar da viola e abandonando a tradicional rabeça. Mesmo cantadores famosos como o Cego Aderaldo, que haviam iniciado a sua carreira tocando rabeça, acabaram por adotar o violão de fabricação industrial convertido em viola sertaneja.

No II Congresso de cantadores, realizado no Recife⁷, já não se apresentou nenhum cantor tocando rabeça.

Por outro lado, a sanfona, em seus diversos tipos, foi se introduzindo nas orquestras regionais e acabou por substituir completamente a rabeça como instrumento para execução da música de dança, tais como a quadrilha e o bailão. Para tanto terá contribuído grandemente o sucesso de Luiz Gonzaga no rádio, nos shows e nos discos.

A rabeça resistiu essas inovações apenas nas pequenas orquestras de folguedos (cavalinho - marinho e mamulengo) e como instrumento de acompanhamento dos cegos de feira.

São raros, hoje, em Pernambuco, os artesãos que fabricam rabeças. O desuso do instrumento causou também, pela redução da procura, o quase desaparecimento do artesanato de sua confecção.

⁶ Cego Aderaldo na peleja com Felícia Cobra (in CEGO ADERALDO, Eu sou Cego Aderaldo. São Paulo: Maltese, 1994, p. 107.

⁷ O I Congresso de Cantadores, realizado em 1948, foi organizado pelo poeta Rogaciano Leite. O II Congresso, organizado pela FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – ocorreu em novembro de 1987.

Manoel Pitunga e Mário da Prancha são os mais conhecidos. Vivem no município de Ferreiros, na zona da Mata - Norte de Pernambuco, região onde também é mais presente o uso das rabeças nas tocatas de folgedos, como o cavalo – marinho e o mamulengo.

A matéria – prima é a madeira. Quase sempre colhida na região, como o mandacaru, a praíba, o cedro, jaqueira, emburana e imbaúba, ou trazidas de fora, como o pinho e a faia.

Apesar de certa preferência pelo mandacaru – por sua leveza e sonoridade – dificilmente os artesãos conseguem obter toros dessa planta em condições e proporções adequados para a confecção do instrumento. O mandacaru (*Cerus jamacaru, DC*) é uma cactácea, de tronco e ramos de natureza suculenta, que leva anos e anos para que a porção não ramificada do caule – que atinge, no máximo, 60 cm de diâmetro – ganhe a consistência lenhosa que a torne própria para ser lavrada.

A revalorização da rabeça deve-se ao Mestre Salustiano. Natural da Mata – Norte de Pernambuco, Salustiano migrou para o Recife, onde casou e constituiu família. Depois, trouxe o pai, o velho João Salustiano. Estabelecido em Olinda, nos primeiros anos voltou à sua terra para *brincar* nos maracatus, pelo carnaval e nos cavalos – marinhos, pelo natal. Quando decidiu criar o seu próprio grupo, fundou o Maracatu Piaba de Ouro, de “baque solto”, qualificativo que prefere para substituir a denominação corrente de “maracatu – rural”. Depois *botou* o grupo de cavalo – marinho, *armou* a tenda de mamulengo e, no verão, *brinca* com a roda de ciranda. Canta, toca e dança e manipula os bonecos, com o pai, Seu João Salustiano e os filhos e amigos. É um homem de sete instrumentos, um artista popular completo, animador cultural e empresário. De poucas letras e muitos saberes. É hoje assessor especial da Secretaria Extraordinária da Cultura do estado de Pernambuco, onde vem desenvolvendo um notável trabalho de valorização da cultura popular.

Preocupado com o progressivo desaparecimento da rabeça nas tocatas populares, Salustiano sonhava, há anos, em promover um evento que conseguisse mostrar ao público a importância do instrumento, que já não era ouvido, senão no acompanhamento dos cavalos – marinhos e mamulengos.

A passagem de John Murphy, estudante de música americano, na Mata – Norte, que produziu um vídeo e uma tese sobre a rabeça, e, depois o interesse de jovens músicos pernambucanos, de formação acadêmica, que participam da renovação da música regional, deu a Salustiano a segurança de que estava no caminho certo.

Sérgio Veloso e outros músicos que vieram a formar a **BANDA MESTRE AMBRÓSIO**, iniciaram a sua pesquisa da música do cavalo – marinho e do maracatu – rural, e o aprendizado de rabeça, com o grupo de mestre Salustiano.

Hoje, com discos lançados e apresentações em todo o Brasil e no exterior, a **Banda Mestre Ambrósio** constitui uma das mais sérias propostas de renovação da música brasileira, com a valorização do instrumental e das raízes musicais nordestinas. Outros grupos – a exemplo do “SONHO DA RABECA” e o “UNIÃO DO FORRÓ” – vêm introduzindo a rabeça entre os seus instrumentos musicais, alguns dos quais com a participação de velhos instrumentistas, como Luiz Paixão, que somente agora têm o seu trabalho reconhecido.

Com o entusiástico apoio do Secretário Extraordinário da Cultura de Pernambuco, escritor Ariano Suassuna, Mestre Salustiano pode realizar seu sonho: o Primeiro Encontro de Rabequeiros de Pernambuco, por ele idealizado, foi efetivado em 1995, reunindo cerca de 10 instrumentistas que realizaram uma turnê pelos municípios de Salgueiro, Arcoverde, Nazaré da mata, Igarassu e Olinda. Ao lado dos velho rabequeiros – agricultores e artesãos, moradores de sítios e vilarejos – estavam os jovens músicos da Banda Mestre Ambrósio, sob a liderança de Sérgio Veloso (Siba) tocando em sua rabequinha “made in Ferreiros” o forró “pé-de-calçada”, e sucessos consagrados em festivais de rock e outros de música jovem, como *Se Zé Limeira tocasse maracatu*.



Da esquerda para a direita: Serrador, o cego Sinfrônio, o cego Aderaldo e Jacob Passarinho. Ao centro, de pé, Leonardo Motra.

III ENCONTRO MESTRES DO MUNDO – Limoeiro do Norte – Ceará



EVENTOS DA PROGRAMAÇÃO/3º ENCONTRO MESTRES DO MUNDO:

28 de Agosto de 2007

- 18h00 - FAFIDAM (Avenida Dom Aureliano Matos)
Concentração de grupos.

Exposição Fotográfica

Uma Terra Onde Corre Leite e Mel

FOTOS: Leonardo Melgarejo

PRODUÇÃO: Projeto Arte e Cultura na Reforma Agrária INCRA
– CE.

- 19h00 a 20h00 – **Ruas de Limoeiro**
- Cortejo nas ruas de Limoeiro do Norte iniciando na FAFIDAM e terminado na Praça da Matriz com o Sineiro Mestre Getúlio Colares – Canindé/Ceará, tocando o sino da Igreja Matriz.

- 20h00 – **Praça da Matriz**

Palco Mestre

- Irmãos Aniceto – Crato/Ceará
- Cordel do Fogo Encantado

30 de Agosto de 2007 – Aniversário do Município de Limoeiro do Norte - 110 anos.

- 14h30 a 17h30 – **NIT** – Núcleo de Integração Tecnológica (Praça da Matriz)

MESAS: Culturas Ciganas e Políticas Públicas

EXPOSITORES: Geraldo Vítor (MINC)

Mio Vacite – Rio de Janeiro

Rogério Bessa – Fortaleza

DEBATE

- 19h00 a 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco dos Brincantes

- Bio Arte Show – Limoeiro do Norte/Ceará

- Cana Verde – Dona Gerta – Fortaleza/Ceará

- Bumba Meu Boi – Mestre Chico – Limoeiro do Norte/Ceará

- Grupo Cavalo Trenado – Maceió/Alagoas

- 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco Mestre

- Meninos de Ouro – Limoeiro do Norte/Ceará

- Khalil Gibran – Limoeiro do Norte/Ceará

- Orquestra de Oeiras – Oeiras/Piauí

- Mio Vacite e o Encanto Cigano – Rio de Janeiro

- Messias Holanda- Fortaleza/Ceará

31 de Agosto de 2007

- 09h00 a 12h00 – **SEDUC** (Rua José Hamilton Oliveira, 160).

RODA DE MESTRES (Sagrado, Corpo, Mãos, Sons e Oralidade).

- 14h30 a 17h30 – **NIT** (Núcleo de Integração Tecnológica) – Praça da Matriz.

MESA: Cultura Afro-Brasileira – Identidade e Diversidade.

EXPOSITORES: Márcio Meireles – Salvador/BA

Preto Zezé – CUFA – Fortaleza/CE

Juraciara da Silva – Fortaleza/CE

DEBATE

- 19h00 a 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco dos Brincantes

- Grupo de Capoeira Jucá Grosso – Morada Nova/CE
- Reisado – Mestre de Zé Pedro – Barbalha/CE
- Bumba Meu Boi – Mestre João Mocó – Granja/CE
- Grupo Babelôs – Natal/RN

- 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco Mestre

- Penitentes – Mestre Joaquim Mulato – Barbalha/CE
- Mestre Sebastião Chicute – Cordelista – Capistrano/CE
- Aurino Pereira de Souza – Sanfoneiro – Salvador/BA
- Mestre Camarão – Recife/PE
- Boi Bumbá – Belém/Pará
- Isa Pereira – Cabo Verde

01 de Setembro de 2007

- 09h00 a 12h00 – **SEDUC** (Rua José Hamilton Oliveira, 160).

RODA DE MESTRES (Sagrado, Corpo, Mãos, Sons e Oralidade)

- 14h30 a 17h30 – **NIT** (Núcleo de Integração Tecnológica) – Praça da Matriz.

MESA: Cultura Indígena – Identidade e Diversidade

EXPOSITORES: Ana Maria Vilalba (MINC)

Max Maranhão – Fortaleza/CE

Luís Caboclo – Pajé da Etnia Tremembé

Maria Amélia – Missão Tremembé

DEBATE

- 19h00 a 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco dos Brincantes

- Dança do Torém com índios das etnias Pitaguarí (Maracanaú – CE) e Tapeba (Caucaia – CE)
- Boi de Reis – Natal/RN
- Grupo de Drama do Assentamento Lagoa do Mineiro Itarema – CE
- Coco de Lagoa – Mestre Moisés – Trairi/CE

- Grupo Raízes do Coco Comunidade Caetanos de Cima – Amontada/CE

• 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco Mestre

- Mestre Lucas Evangelista – Cordelista – Crateús/CE
- Mestre Antônio Hortencio – Rabequeiro – Varjota/CE
- Zé do Pife – Brasília – DF
- Casamento de Tabarim – Itapipoca/CE
- Ivone Lara – Rio de Janeiro
- La Pupuña – Belém – PA

02 de Setembro de 2007

- 09h00 a 12h00 – **NIT** (Núcleo de Integração Tecnológica) – Praça da Matriz.

Encontros dos Mestres da Cultura do Ceará

Participação:

- Secretário da Cultura do Estado do Ceará – Professor Auto Filho
- Mestres da Cultura do Ceará (todos)
- Mestre Espedito Seleiro – Nova Olinda/CE
- Representante do CEC – Lourdes Macena
- Representante do COEPA – Olga Paiva
- Coordenador do Patrimônio – Otávio Menezes

- 19h00 a 20h30 – **Praça da Matriz**

Palco dos Brincantes

- Maneiro Pau – Mestre Cirilo – Crato/CE
- Reisado Mestre Aldenir – Crato/CE

- 20h30 – **Praça da Matriz**

Palco Mestre – Encerramento Final

- 21h00 – **Praça da Matriz**

Palco Mestre

- Mestra Dona Dina – Aboiadora – Canindé – CE
- Benditos – Mestra D. Maria do Horto – Juazeiro do Norte/CE
- Antônio Nóbrega

RELATOS POPULARES DE CANELINHA: GRUPO DE POETAS E ESCRITORES SOL NASCENTE – GRUPESCENTE ARTIGOS RETIRADOS DO JORNAL VOZES DE CANELINHA

No jornal de 12 de Agosto de 2007 (VOZES DE CANELINHA), consta o EDITORIAL de sua tiragem de 1000 exemplares, o qual destaca que ao conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos, canções, causos, mitos, lendas ou costumes de uma época ou região, costuma-se chamar de FOLCLORE, ou seja sabedoria que vem do povo.

Quando cantamos uma cantiga de roda ou uma canção de ninar, estamos recordando alguma manifestação folclórica que nos foi transmitida por nossos antepassados e que, por nossa vez, estamos legando aos descendentes.

Algumas brincadeiras e jogos como “amarelinha”, “passa anel”, “boca do forno”, “cinco Marias” fazem parte das tradições que herdamos de alguém, mas que parecem esquecidas.

Certamente você já ouviu muitas histórias envolvendo seres fantásticos ou viu alguns deles representados em ilustrações, peças teatrais, filmes ou desenhos animado.

No Brasil, o responsável por divulgar estas criações foi o escritor Monteiro Lobato, mestre em contar e criar histórias em que o fantástico diz sempre presente. Haja vista o fabuloso sucesso de seus livros, cujas personagens povoaram a imaginação da infância de meados de século passado com as histórias do SÍTIO DO PICAPAU(sic)AMARELO.

Na década de 70, o programa televisivo homônimo fez um sucesso estrondoso. Tanto que atualmente, volta à televisão.

Foi através dos livros de Monteiro Lobato ou do programa de televisão que muitos de nós travamos conhecimento com a Cuca, Boitatá, Curupira, Mula-sem-cabeça, Lobisomem, Saci pererê, entre outras personagens folclóricas.

Devido à vastidão territorial e à imaginação, o folclore brasileiro apresenta uma diversidade incomum. Desde o descobrimento, o país abriu suas fronteiras a todas as nações. Cada

povo que aqui chegou trouxe suas tradições, costumes, incorporando-as às manifestações culturais indígenas, já estabelecidas.

Em Santa Catarina não foi diferente. Sua população é formada pela miscigenação de muitos povos: portugueses, alemães, italianos, afro-descendentes de diferentes regiões da África, indígenas de diversas etnias, poloneses, austríacos, ucranianos, japoneses, espanhóis, árabes e judeus.

O legado desses imigrantes é visível na arquitetura, sentido nos sabores da culinária, apreciado nas danças e nas festas, tornando o nosso folclore mais diferenciado do país.

O espírito açoriano, herdado dos imigrantes portugueses e Ilhas dos Açores, que povoaram o Litoral e regiões circunvizinhas, está presente na pesca artesanal; na culinária cujo ingrediente principal são os frutos do mar, na confecção de renda de bilro, nas festas do Boi-de-Mamão, no terno de Reis, na festa do Divino, nos causos de bruxaria, nas adivinhações, rezas, benzeduras e, grandemente espalhadas pelo país, nas Festas Juninas com toda a alegria brejeira, as comidas típicas, a indumentária peculiar e a música contagiante.

No Vale Europeu, colonizado especialmente por alemães e italianos, predominam as festas que lembram seus países de origem. Mas, em diferentes regiões do estado, estes imigrantes também souberam imprimir a sua marca na arquitetura, na culinária, nas festas e nas danças típicas. A alegria e a hospitalidade desses povos aqui estabelecidos, encantam os milhares de visitantes do Brasil e do exterior que vêm a Santa Catarina para prestigiar as chamadas Festas de Outubro.

Na Serra Catarinense, o chamado Vale da Neve tem no frio, e na eventual neve, o mais forte atrativo, mas o serrano, cultivador de hábitos e costumes tradicionalistas é sempre hospitaleiro e acolhedor. Seus mitos e lendas são contados e cantados em verso, prosa e causos, acompanhados do tradicional chimarrão, degustando ao redor do fogo de chão. Praticava ainda as lidas campeiras sua atividade mais antiga. O churrasco e o arroz de carreteiro, são herança dos vizinhos gaúchos. Com o pinhão, faz o famoso entrevero, prato típico da região. Mas a semente ou fruto da araucária também pode ser degustado cozido ou assado na chapa do fogão a lenha, nas noites geladas.

A Festa do Pinhão já faz parte das tradições da Serra, pois congrega os cantadores e contadores de causo no concurso da Canção Tradicionalista.

Nas regiões de fronteira, o folclore catarinense assimilou muitos dos costumes, lendas e mitos de nossos vizinhos, gaúchos e paranaenses.

Esse intercâmbio cultural é altamente salutar, uma vez que não se pode deixar morrerem as tradições. Devemos, sim louvar as iniciativas que contribuem para divulgar a diversidade cultural do nosso estado.

BOITATÁ

Contam os mais antigos da cidade de Canelinha que uma comadre e um compadre, eram muitos amigos e cada vez iam se aproximando um do outro. Essa amizade cada vez ia ficando mais unida.

Quando foram notar já estavam apaixonados e depois se declararam um para o outro. É claro, tiveram que vencer uma batalha, pois foi muito difícil falar para todos que eles iam se casar, mas eles conseguiram e depois que eles se casaram viraram uma bola de fogo.

Apareciam quase toda noite, mas no outro dia eles não lembravam de nada. E foi assim até eles morrerem e ninguém conseguiu saber o que era aquela bola de fogo.

Tâmara Francêz Schieste
Canelinha – SC.

O LOBISOMEM

Era uma vez um homem que tinha três cachorros e todas as noites de Lua cheia os cães começavam a latir.

O homem levantava, soltava os cães que ficavam perdidos e depois apareciam como se não tivessem farejado nada.

Estas cenas se repetiam sempre nas Luas cheias.

Até que numa certa noite de Lua cheia, quando os cães começaram a latir o homem pegou sua espingarda e foi ver o que era. Observou melhor e viu que era um vulto preto.

Atirou e chegando mais perto constatou que era um cachorrão com dentes enormes, todo preto.

Neste exato momento sentiu um cheiro de enxofre. Pegou o cachorro colocou em cima da cerca e foi embora.

Ao amanhecer ele foi ver o cachorro que tinha matado, mas pôde ver que não tinha mais nada. Então pensou que podia Ter sido um lobisOMEM.

Wagner Galloti.

A CASA ASSOMBRADA

Era uma vez uma casa assombrada onde se escutava arrastar de corrente, arranhões na parede, ruídos de cães entre outros barulhos estranhos.

A casa já estava bem velha quando uma pessoa foi lá e escutou todos estes barulhos.

E esta mesma pessoa disse que apareciam e sumiam muitas flores. A pessoa saiu correndo da casa assombrada.

Jéssica Neis
Franciele da Silva.
Tijucas - SC

Cultura Popular Poema: História de um homem Rico que ficou pobre

(Márcia Reis Bittencourt)

O poema: “história de um homem que era rico e ficou pobre” foi resgatado de cadernos escritos a mão, antigos e com uma linguagem arcaica. Estes pertenciam a (Maria Souza Simas) minha avó materna e Madrinha de batismo.

O poema é de uma riqueza cultural bastante grande e revela o cotidiano de pessoas numa determinada época.

Maria Souza Simas nasceu em Nova Descoberta - Tijucas no dia 20 de dezembro de 1918 e faleceu no mesmo local no Dia 15 de junho de 2001. Casou-se com José Alexandre Simas que era viúvo e tinha três filhos: Maria dos Santos Reis (minha mãe), Ilse Simas Desidério e José Alexandre Simas Junior falecido. Desta nova união teve quatro filhos: Salvelina Maria Simas Reis (que foi a filha herdeira dos cadernos e das cantigas e que me emprestou), Eulina Simas Moresco, João José Simas e Gualberto Simas.

A seguir transcrevo o poema que ficou registrado nos cadernos:

HISTÓRIA DE UM HOMEM RICO QUE FICOU POBRE

Vou contar uma história
No tempo da inocência
De um homem que sofreu
Havendo uma inocência
Fie-las maldizer a sorte
Vem faltar à paciência.

Em uma sexta-feira
Ouvi uma voz perguntar
Se quiseres passar bem em
Moço
Ou quando velho ficar
Quando foi no outro dia
A voz torna-lhe a falar.

Ele chamou a mulher
Pegou então a contar
As três noites dessa parte
Ouvi uma voz perguntar
Se quiseres for pobre em moço
Ou quando velho ficar.

Então lhe disse a mulher
Tenho um conselho a lhe dar
Quereis padecer em moço
Quando velho ficar
Você que enquanto for moço
Tem força para trabalhar.

Foi um dia para o serviço
Cumprir a sina cruel
Às nove horas do mesmo
Saindo da casa a mulher
Para o rio lavar roupa
Era porto da maré

Nesta mesma ocasião
Chegou um navio no porto
O capitão do navio
Viu a mulher ficou louco
Fez logo um mau juízo
Para fazer mal ao outro.

Chamou logo os empregados
Botaram na água o escaler
O capitão do navio
Saltou na barra de pé
Mandou uma meretriz
Para iludir a mulher.

A meretriz chamou ela
Mulher conversa comigo
E para tua felicidade
Se fizeres o que eu te digo
Que desta hora por diante
Tu terás gosto comigo.

Então a mulher lhe disse
Pedes para eu ouvir
A meretriz respondeu
O que me trás aqui
É de trazer-te um recado
De muito bem para ti.

O capitão do navio
É homem de profissão
Ficou muito apaixonado
Por tuas lindas feições
Ele mandou oferecer
Alma, vida e coração.

Ai a mulher zangou-se
Tratou de repelir
Mudamos desta conversa
Pois, ela não quero ouvir
Tu sabes que sou casada
Para que vens me iludir.

Não sejas, tola mulher,
Eu te iludo para o bem
Porque teu marido é pobre,
Não possui um só vintém
O capitão do navio
Nada falta tudo tem.

Mulher sae-te daqui
Não quero conselho seu
Meu marido já foi rico
Tudo que tinha perdeu
Hoje vive na miséria
Louvado seja meu Deus.
Você com o capitão
Vive limpa e ansiosa
Anda de meia e botina
De ouro pedra e esmeralda
Para lhe servir todo fará
Não lhe faltará a criada.

Vaidosa e iludideira
Tudo isto tenho tido
Hoje me vejo na pobreza
Que só possuo um vestido
Porém honro até a morte
As barbas do meu marido.

O que fez a meretriz
Iludindo a pobrezinha
Eu não estou iludindo
Isto é caçoada minha
Se fosse para iludir
Por dinheiro eu cá não vinha.

Depois disse a meretriz
Mulher me faça favor
Meu marido neste instante
Lá de longe me chamou
Você vá junto comigo
Que eu sozinha não vou.

A mulher lhe perguntou
Você também é casada
Disse a meretriz eu sou
A outra ficou calada
Até que se levantou
E seguiram em camarada.

A meretriz conversava
Com respeito e atenção
A fim de botar a outra
Na vala da perdição
Até que pode chegar
A porta de embarcação.

A meretriz entrou logo
A outra ficou fora
Disse ela a traiçoeira
Tarda pouco, vamos embora,
Diz baixinho a meretriz
Seu capitão é agora.

A meretriz a chamou
Com muita delicadeza
Senhora entre sem medo
Venha ver que boniteza
Afinal tanto iludiu
Que pode deixá-lo presa.

Ai veio o capitão
Fazendo muita gracinha
Vem aos meus braços mimosa
Quero dar-te uma boquinha
Meu coração minha vida
Agora é toda minha.

A mulher triste chorosa
Respondeu lhes com franqueza:
Seu capitão do navio
Reconheço que estou presa
Porém guardo até a morte
A meu marido firmeza.

Reconheço que estou presa
Nas ondas do mar perdida
Já hoje me considero
Uma infeliz desvalida
As barbas do meu marido
Hei de honrar toda vida.

Vamos tratar sobre o homem
Quando da roça voltar
Disse os filhos chorando
Mamãe aqui não chegou
Podemos imaginar
Podemos imaginar
Como este pobre ficou.

Assim que ele foi chegando
Estavam os filhos dando ais
Disse que de tua mãe
Nós não sabemos papai
Foi para o rio lavar roupa
Até aqui não voltou mais.

Saiu ele a procurar
Sempre com a fé em Deus
Perguntava a todo mundo
Nenhuma notícia lhe deu
Ninguém sabe ninguém viu
Aqui não apareceu.

Voltou o homem tristonho
Sem ter nenhuma demora
Percorreu a vizinhança
Botou os filhos na frente
Seguiu por ali afora.

Com dois dias de viagem
Encontrou um rio de nado
Pegou o filho mais velho
Foi botar do outro lado
Deixando o mais novo
Em um cantinho sentado.

Chega lá senta o filho
Volta de cabeça baixa
Chega cá não achou o outro
Para o outro lado marcha
Chegando no outro canto
Procura o outro não acha.

Ai disse o pobre homem
Ai, meu Deus fico sozinho,
Já fiquei sem a mulher
Agora sem meus filhinhos
Só basta que Deus me seja
Protetor, pai padrinho.

Saiu por ali afora
Em um reinado chegou
Então falou para o rei
Para ser seu trabalhador
Ficou o homem trabalhando
Em uma horta de flor.

Estando ele quatro anos
Neste serviço grosseiro
Como era muito bom
Sério fiel verdadeiro
Para ser seu cozinheiro.

Passando mais quatro anos
Este rei caiu doente
Por não ter uma pessoa
Nem o reinado um parente
Chamou este cujo homem
Da cora fez presente.

Senhor me acho doente,
Não tenho quem me condoa
Passo-lhe meu testamento
Dou-lhe de presente a coroa
Tome conta do reinado
Para não ficar a toa.

Passo-lhe o testamento

Pegou a coroa e deu
Este rei quando fez isto
No outro dia morreu
Ficou ele como dono
E o reinado todo seu.

Quando foi no outro dia
Veio dois rapazes a chegar
Pedindo para sentar praça
Na guarda nacional
Chegando um navio no porto
Fez ponto à beira mar.

O capitão do navio
Pediu ao rei dos soldados
Para guarnecer o navio
Com medo de ser roubado
Foram os dois soldados novos
Que praça tinha sentado.

Um soldado disse ao outro
Homem não sei o que faço
Vivo no mundo sozinho
Chorando a minha desgraça
Se eu tivesse pai e mãe
Não tinha sentado na praça.

Quando ele disse isto
O outro disse ai
Você é como eu
Não tem mãe nem pai
Os meus tormentos são tantos
Que quase não falo mais.

Meu pai era homem rico
E depois empobreceu
Animal, terra e gado
Tudo que tinha perdeu
Ficou só com minha mãe
Comigo e um irmão meu.

Foi um dia para o serviço

O seu dinheiro ganhar
Mamãe foi lavar roupa
Em um porto à beira mar
Veio à tarde e o sol se foi
E nada dela chegar.

Meu pai saiu à procura
Sempre com fé em Deus
E a todos perguntava
Ninguém notícia deu
Talvez ela caiu na água
Os peixes grandes comeram.

Voltou meu pai para casa
Consigo mesmo dizia
Não posso mais suportar
A esta horrenda tirania
Ele com este desgosto
Mudou-se de freguesia.

Com dois dias de viagem
Encontrou um rio de nado
Deixou-me em uma margem
Em um cantinho sentado
Pegou meu irmão mais novo
Foi botar no outro lado.

Esperei muito por ele
Até que não pude mais
Nada dele vir me ver
Eu só fiquei dando ais
Sem parente nem dirente
Sem irmão, sem mãe, sem pai.

A mulher dentro do navio
Quando a história acabou
Veio olhar para os soldados
Rindo com maneira doce
Eles logo imaginaram
Que mau sentido fosse.

Ai a mulher voltou

Falou com o capitão
Onze anos desta parte
Que vivo nesta prisão
Se me lewares ao palácio
Vos darei meu coração.

Respondeu-lhe o capitão
Eu para lucrar seus carinhos
Levo-te em qualquer lugar
Meu coração, meu benzinho
Só não levo-te no céu
Porque não sei o caminho.

A mulher saiu pensando
O que ela tinha no sentido
O capitão no palácio
Foi muito bem recebido
Quando ela foi chegando
Foi conhecendo o marido.

Antes dela sentar-se
Disse ao rei primeiro
Mande buscar os soldados
Que o navio guarneceram
Para contar uma história
Presente o seu conselheiro.

Levantou-se o capitão
Falando de certo jeito
Soldados não vão à corte
Porque não tem o respeito
Não é possível senhora
O seu pedido ser feito.

Então respondeu ela
Senhor capitão eu sei
Soldado não tem respeito
Falo em presença do rei
Se não houvesse soldado
Também não havia lei.

Disseram os conselheiros

Estás muito bem apoiado
Mandaram um portador
Chamar os soldados
O capitão ficou logo
Um pouco desconfiado.

Quando os soldados chegaram
Ficaram ambos de frente
Aí a mulher disse
Soldado quero que conte
Aquela história passada
Que vocês contaram ontem.

Senhora nós conversamos
Relativo à criação
Até que depois soubemos
Que nós dois somos irmãos
Foi esta nossa conversa
Outra não falamos não.

Respondeu-lhe a mulher
Foi esta que eu bem sei
Eu quero ela contada
É na presença do rei
Para ele escutá-la
Pelo artigo da lei.

Um soldado disse ao outro
Creio que estamos enrascado
Só relato este segredo
Porque me vejo obrigado
Então contou a historia
Do jeito que foi passado.

Meu pai foi um homem rico
Depois empobreceu
Animais, terra e gado
Tudo que tinha perdeu
Ficou com minha mãe
Comigo e um irmão meu.

Foi um dia para o serviço

O seu dinheiro ganhar
Minha mãe foi lavar roupa
Em um porto a beira-mar
Chegou à tarde o Sol se foi
E nada dela chegar.

Meu pai saiu à procura
Sempre com fé em Deus
Ele à todos perguntava
Ninguém notícia lhe deu
Talvez ela caiu na água
E os peixes grande comeu.

Voltou meu pai para a casa
Consigo mesmo dizia
Eu não posso suportar
Esta horrenda tirania
Com este desgosto
Mudou-se de freguesia.

Com dois dias de viagem
Encontrou um rio de nado
Deixou-me em uma margem
Em um cantinho sentado
Pegou meu irmão mais novo
Foi levar do outro lado.

Esperei muito por ele
Até que pude mais
Nada dele vir me ver
Eu só fiquei dando ais
Nem parente, nem dirente
Nem irmão, nem mãe, nem pai.

O rei conheceu os filhos
Pegou eles pela mão
Mandou trajá-los de príncipe
Na mesma ocasião
A mulher sempre com medo
Que não tivesse o perdão.

A mulher triste e chorosa

Dando suspiro e gemido
Contou ao seu esposo
Tudo o que tinha sofrido
Por todos foi apoiado
E teve perdão do marido.

Disse o rei ao capitão
Com toda força que tinha
Contigo logo eu converso
Esta mulher é minha
Dou-lhe as honras competente
E traço como rainha.

Doze anos que andaste
Dentro do mar degredada
Levando descompostura
Sendo muito mal tratada
Sem ser falsa ao seu marido
Merece ser perdoada.

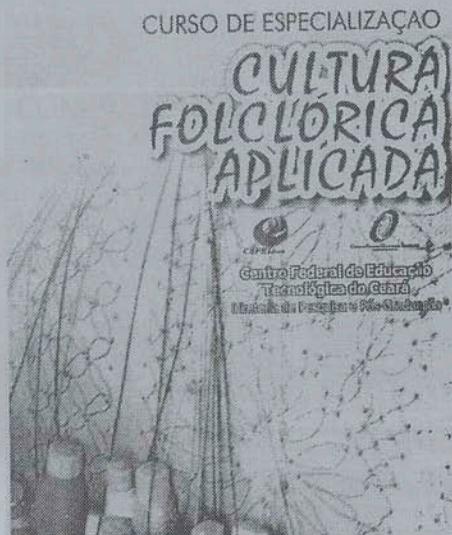
Os filhos foram exaltados
Foi perdoada a mulher
O capitão foi morrer
De uma morte cruel
Fiquem todos na certeza
Quem Deus merece isto é.

Pegaram o capitão
E não quiseram matar
Fizeram uma fogueira
Vivo mandaram queimar
Pegaram a cinza dele
Jogaram dentro do mar.

Hoje os filhos são príncipes
Ele é rei de majestade
Sua mulher é rainha
De alta debilidade
Dêem a quem contar estas
Saúde e felicidade.

CULTURA FOLCLÓRICA APLICADA

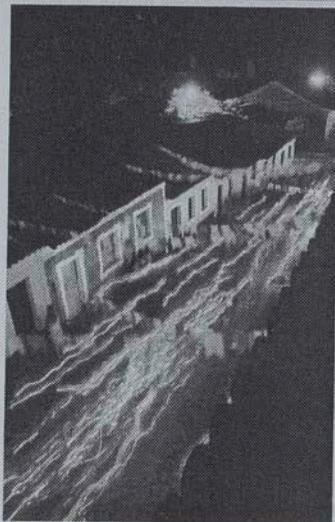
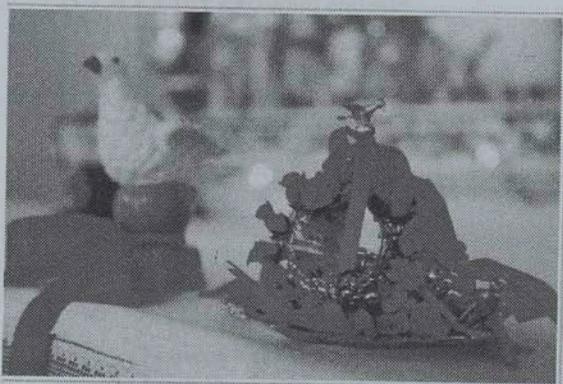
Curso de especialização que se procederá no CEFETCE (Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará), o qual visa dar ênfase a cultura popular em suas várias manifestações. INSCRIÇÕES/INFORMAÇÕES: Casa de Artes do CEFETCE: AV. 13 de Maio, 2081 – Benfica. E-mail: espefolk@cefetce.br Fone: (85) 3288-3670.



Pedaços da Cultura de São Luis do Maranhão em Cartaz

A Festa do Divino Espírito Santo é representada em vários estados do Brasil, e como não ser, a representação do Divino Espírito Santo é parte de uma das manifestações de devoção do catolicismo. Religião que foi e é muito forte em países da Região Ibérica e também dos Açores, o qual faz parte de uma das características desses colonizadores em quase todo o Brasil, com suas várias abrangências.

Segue alguns modelos de Cartões Postais de São Luís – Maranhão.



PATROCÍNIO:



COMPLEXO TURÍSTICO ECOCULTURAL DO RIBEIRÃO DA ILHA

POUSADA E RESTAURANTE **DO MUSEU**

Rodovia Baldicero Filomeno 10100/10106 – Ribeirão da Ilha

Florianópolis – SC – Fone: 48 3237-8148 Fax: 48 3237-8016

E-mail: ecomuseu@pousadadomuseu.com.br

Home Page: www.pousadadomuseu.com.br

VISITE O ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA



COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
QUADRO DE ASSOCIADOS – 2007

1. Divalécio Soares
2. Osvaldo Ferreira de Melo
3. Valtér Fernando Piazza
4. Roberto Mindell de Lacerda
5. Nereu do Vale Pereira
6. Celsi José Coelho
7. Manra Soares
8. Francisco do Vale Pereira
9. Carlos Alberto Angioletti Vieira
10. Acyr Osmar de Oliveira – Sucursal de Itajaí
11. Tairana Hoehner – Sucursal de Blumenau
12. Valtér Osvaldo Sant'Ana
13. Jovani Buyer
14. Waldir Gomes
15. Leonir Padoa da Silva
16. Márcia Reis Birenbaum
17. Fernando de Souza
18. Leandro Micheli
19. Sílvio José Heuneker
20. Ignácio de Mendonça
21. Gabriela Pires
22. Márcia Rosa da Conceição
23. Rubia Cristina dos Santos
24. José Roberto Severino
25. José Bento Rios da Silva
26. Degoberto Coelho
27. Neriton Valério Martins
28. Maurício de Barcelos Sant'Ana
29. Ilse Maria Paulistô Gumen
30. Juliana Reis
31. Maria do Carmo Tridapali Fachiari
32. Mariângela Leite
33. Flávia José Cardoso

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
QUADRO DE ASSOCIADOS – 2007

1. Doralécio Soares
2. Osvaldo Ferreira de Melo
3. Valter Fernando Piazza
4. Roberto Mündell de Lacerda
5. Nereu do Vale Pereira
6. Gelsi José Coelho
7. Maura Soares
8. Francisco do Vale Pereira
9. Carlos Alberto Angioletti Vieira
10. Acyr Osmar de Oliveira – Sucursal de Itajaí
11. Taiana Haelsner – Sucursal de Blumenau
12. Valter Osvaldo Sant'Ana
13. Jussara Bayer
14. Waldir Gomes
15. Leonir Pedro da Silva
16. Márcia Reis Bittencourt
17. Fernando de Souza
18. Leandro Micheli
19. Sílvio José Heunecke
20. Ignácio de Mendonça
21. Gabriela Pereira
22. Márcia Rosa da Conceição
23. Rúbia Cristina dos Santos
24. José Roberto Severino
25. José Bento Rosa da Silva
26. Dagoberto Coelho
27. Nériton Valério Martins
28. Maurício de Barcelos Sant'Ana
29. Ilse Maria Paulino Gomes
30. Jainara Reis
31. Maria do Carmo Tridapalli Fachini
32. Mariângela Leite
33. Flávio José Cardoso.



FOLKLORE